UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

KAMILA DE ASSIS

MULHERES CURDAS:
A CONTRIBUIÇÃO PARA UM NOVO MODELO DE SOCIEDADE BASEADA NA EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES

Florianópolis

2019

KAMILA DE ASSIS

MULHERES CURDAS:
A CONTRIBUIÇÃO PARA UM NOVO MODELO DE SOCIEDADE BASEADA NA EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de bacharel.

Orientador: Ricardo Neumann, Dr.

Florianópolis

2019

KAMILA DE ASSIS

MULHERES CURDAS:
A EMANCIPAÇÃO FEMININA NO ORIENTE MÉDIO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Relações Internacionais da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Florianópolis, (dia) de novembro de 2019.

Professor e orientador Ricardo Neumann, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Emilly Fidelix da Silva, Ma.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Maria Adaiza Lima Gomes, Ma.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico esta pesquisa aos meus pais, mas principalmente a minha mãe, Lea. Além de dedicar também, a todos as pessoas que se identificam como mulher. Sem esquecer das mulheres que me inspiraram a fazer este trabalho, as Curdas.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa marca o fim de uma importante etapa da minha vida. Com ela e os anos percorrido na graduação, foram essências para eu descobrir muitas coisas sobre mim mesma e crescer, não só pessoalmente. As etapas para construir esta pesquisa não foram fáceis, pois meu maior problema, foi comigo mesma. Por isso, só tenho a agradecer ao meu orientador, Ricardo, por todo o suporte, e por ter acreditado que eu conseguiria faze-la, além de me motivar e me divertir com seus "joinhas" pelo whatsapp, o que, provavelmente, ele só deve estar descobrindo agora. Além de acreditar em mim, meu orientador, foi fundamental na minha decisão de continuar na área acadêmica, que mesmo eu não fazendo mais parte do curso, ele se disponibilizou a continuar me ajudando para um projeto de mestrado. Muito obrigada, Ricardo.

Também quero deixar meus agradecimentos para os todos os professores do curso, que em meio a todas as dificuldades que a universidade está enfrentando, não deixaram de estar presentes e de continuar seus trabalhos. Obrigada por escolherem esta profissão.

Não teria como deixar de agradecer meus pais por todo o suporte que me proporcionaram enquanto eu estava na universidade e na vida. A minha mãe tem um papel importante nesta pesquisa, pois foi pensada e criada para que ela pudesse compreender o assunto tratado, mesmo nunca tendo contado com ele ou com a área acadêmica, o que me inspirou a seguir a carreira. Como também, a buscar uma forma mais acessível do conhecimento, pois não adianta ser produzido, se não será alcançado. Muito obrigada por tudo que vocês já fizeram por mim.

Por último, gostaria de agradecer os meus amigos por me aguentarem neste período e por estarem sempre dispostos a me ajudar. Eu aprendo todo dia alguma coisa com vocês, boas ou más, mas aprendo. Obrigada por vocês fazerem parte da minha vida.

“Let the whole world see that what 100 men cannot do, a single Kurdish woman can handle easily.” (Uma mulher curda, de Mardin).

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar aos leitores e leitoras, a Revolução de Rojava e a emancipação das mulheres curdas. A revolução tem este nome por causa da região onde o movimento está ocorrendo, no norte da Síria, a ponto que, seus principais pilares são a emancipação das mulheres, ecologia e democracia, além de buscar a superação do capitalismo como sistema econômico. Sobre este movimento, iremos analisar a Revolução de Rojava e seus caminhos para a emancipação das mulheres, expondo que em meio a volta do conservadorismo e da extrema direita, ainda é possível buscar novas perspectivas para as problemáticas do sistema internacional, onde a pluralidade de crenças e pessoas e uma relação consciente com o meio ambiente sejam seus principais propósitos. Os objetivos desta pesquisa são explicar a história do povo curdo, analisar a revolução de rojava e seus princípios para a igualdade de gênero e por fim, discutir as ações práticas das mulheres curdas para a sua emancipação. Como metodologia, a aplicabilidade desta pesquisa é básica, sua forma de problema é qualitativa, tem como objetivo ser explicativa e os procedimentos e a coleta de dados são respectivamente, bibliográficos e analise documental. Como consequência de ser um movimento que ainda está acontecendo, ter ideais muito diferentes dos vigentes nos dias atuais e surgir, graças a população curda, este movimento sofre inúmeras represálias, e tenta se estruturar no meio destas. Nada é muito definido, mas, mesmo assim, parece ser, caso consiga sobreviver, uma resposta possível para lidar com os problemas étnicos do sistema internacional, uma oportunidade real das mulheres frente as disparidades de gênero e sua atuação na sociedade, e principalmente, nos mostrar que sim, é possível, buscarmos um sistema diferente do que nos é posto hoje. Contudo, não podemos esquecer que está revolução ainda está na fase experimental e vive no meio das incertezas de um ambiente de guerra e embargos, que por si só, já é muito complicado para um Estado que se inclua nas premissas do sistema internacional. Sendo assim, com as estruturas que esta revolução tem nos dias de hoje, podemos dizer que, mesmo com falhas, os principais pilares estão se construindo como foram planejados, com o destaque da atuação das mulheres curdas na busca de sua autonomia e emancipação.

Palavras-chave: Curdos 1. Rojava 2. Mulheres 3.

ABSTRACT

The article aims to show its readers the Rojava Revolution and the emancipation of Kurdish women. The region where this movement occurs is named Rojava, with its main pillars being the emancipation of women, ecology and democracy, besides searching for the overcoming of capitalism as an economic system. About this movement, we are going to debate what they call the Rojava Revolution and its ways for the emancipation of women, showing that amidst the rise of conservativeness and far-right parties, it is still possible to have new perspectives for the problems in the international system, where the plurality of beliefs and people and a conscious relationship with nature are the main goal. With that, this article has as its objectives, to explain the history of the Kurdish people, analyze the Rojava Revolution and its principles for the equality of genders and lastly, discuss the practical action of the Kurdish women for their own emancipation. As methodology, the applicability of this research is basic, its form of problem is qualitative, it has as its objective to be explanatory and the procedures and the data collection used bibliography and documentary analysis, respectively. As consequence of being a movement that is still happening, having ideals that diverge from the ones in place in the current days and emerge, thanks to the Kurdish population, this movement suffers with heavy relation, but tries to get structured amidst it. Nothing is very defined, but, regardless of that, it seems to be, if it manages to survive, a possible answer to deal with ethnical problems in the international system, a real representation of women in the frontline against the discrepancies of gender and their representation in society, and especially, show us that it is possible to find a different system from the one that is imposed to us today. However, we can not forget that this revolution is still in its experimental stage and lives among the uncertainties of an atmosphere of war and obstacles, which by itself, is already complicated for a State that includes itself in propositions of an international system. Thus, with the structures that this revolution has in the current days, we can say that, despite its flaws, the main pillars are being built like they were planned, with emphasis in the work of Kurdish women searching for their autonomy and emancipation.

Keywords: Kurds 1. Rojava 2. Women 3.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa das regiões habitadas por curdos 18
Figura 2 - Mapa das divisões do Império Otomano..... 20
Figura 3 - Mapa dos três cantões de Rojava..... 27
Figura 4 - Mapa das regiões controladas pelo ISIS 32
Figura 5 - Destruição de Kobanê..... 33
Figura 6 - Construção da Jinwar..... 54
Figura 7 - Academia de mulheres..... 55
Figura 8 - Símbolo da Jineologî 59
Figura 9 - Centro de estudos sobre a Jineologî..... 60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
1.1 OBJETIVO 13
1.1.1 Objetivo geral 13
1.1.1.1 Objetivos específicos 13
1.1.1.1.1 Justificativa 13
1.1.2 METODOLOGIA 15
2 REFERENCIAL TEÓRICO 16
2.1 GÊNERO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS 16
2.2 HISTÓRIA DO POVO CURDO 18
2.3 CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO 22
3 REVOLUÇÃO DE ROJAVA 27
3.1 CONFLITO CONTRA O ESTADO ISLÂMICO EM KOBANE 31
3.2 ESTRUTURAS DAS REGIÕES AUTÔNOMAS 35
3.2.1 Estrutura administrativa e política 35
3.2.2 Economia Popular 37
3.2.3 Educação 41
3.2.4 Sistema de justiça 44
4 EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES CURDAS 47
4.1 HISTÓRICO DA LUTA DAS MULHERES CURDAS ANTES DA REVOLUÇÃO DE ROJAVA 47
4.2 ORGANIZAÇÕES DAS MULHERES CURDAS 50
4.2.1 As cooperativas 51
4.2.2 Jinwar – A vila 53
4.2.3 Mulheres curdas em cidades da Turquia e no campo de refugiados de Bakur 55
4.3 JINEOLOGÎ – A CIÊNCIA DAS MULHERES 58
5 CONCLUSÃO 62
REFERÊNCIAS 65

1 INTRODUÇÃO

Os problemas atuais enfrentados pelo povo curdo, na busca do seu território, vêm dos acordos feitos no final da primeira guerra mundial com a repartição da região que, seria o Curdistão, entre a Síria, o Iraque, o Irã e a Turquia. Essa divisão, além de não ter colocado um fim na luta do povo curdo, acabou dividindo-os entre quatro países diferentes. Com isso, os curdos passaram a sofrer uma série de ataques e perseguições contra a sua cultura e sua presença nestes países. Em busca de autonomia e sobrevivência, os curdos passaram a se organizar em movimentos nacionalistas para manter sua identidade, e lutar contra estes Estados e por sua independência. Esta atitude piorou a visão destes países sobre o povo curdo, fazendo com que a repressão sobre seu movimento fosse ainda maior e os métodos adotados para conte-lo fossem cada vez mais agressivos, chegando ao ponto que, em 1988, o Iraque, comandou um genocídio contra eles com a operação a Anfal (HUMAN RIGHTS WATCH, 1993).

Com toda esta repressão perante ao povo curdo, um movimento estudantil na Turquia fundou o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), em 1978. Seu fundador é Abdullah Öcalan, e seu projeto principal visava a fundação do Estado do Curdistão. Em um primeiro momento, antes do exílio e da prisão de Öcalan, o PKK tinha como vertente ideológica as bases marxista-lenista, além do forte sentimento nacionalista do povo curdo. Mesmo antes do surgimento do PKK até a prisão de Öcalan, os curdos passaram por diversos conflitos contra os países os quais foram divididos e em especial, com a Turquia. Com as investidas cada vez mais fortes por parte do governo turco, o PKK acabou se enfraquecendo e seus principais líderes fugiram para outras regiões. Os membros mais radicais do partido permaneceram lutando, mas não lutavam mais só contra militares, políticos ou órgãos do governo turco, como também passaram a fazer ataques e sequestros a turistas. Esses atentados fizeram com que a União Europeia e os Estados Unidos incluíssem o PKK na lista de organizações terroristas (BALCI, 2008).

Desde o seu exilio ao seu encarceramento perpetuo, Öcalan passou a ter contato com diversas obras feministas e de socialistas libertários, em especial de Murray Bookchin e seus estudos sobre Municipalismo Libertário (MORAES; VIEIRA, 2017). Foi a partir do contato com essas obras que Öcalan buscou mostrar e implementar uma nova visão para a causa curda, particularmente na região do Curdistão sírio. Buscando uma perspectiva própria em cima dos estudos de Bookchin, Öcalan, desenvolveu o que ele chamou de Confederalismo Democrático. No Confederalismo Democrático, não há necessidade da

criação de um Estado Nacional, pois baseia-se na formação de um sistema de comunidades com autoadministração e com poder descentralizado, na forma horizontal. "O Confederalismo Democrático defende, em sua essência, a superação do capitalismo como sistema econômico, a emancipação dos trabalhadores, a liberdade das mulheres diante a opressão do patriarcado e uma relação biocêntrica com a natureza" (MORAES; VIEIRA, 2017, p.83).

Em meados de 2011, desencadeia-se, na Síria, uma Guerra Civil. Logo, as atenções destinadas ao povo curdo e o seu movimento de emancipação são deixados de lado e voltam-se para o conflito sírio. Foi neste momento que os curdos da região de rojava, perceberam um vácuo de poder, e junto ao seu partido PYD (Partido da União Democrática), deram início a estruturação da revolução e da busca da autonomia na região. Sem muitas dificuldades ocuparam as principais cidades da região, e começaram a estabelecer suas instituições, como o Comitê Supremo Curdo e uma vertente da Unidade de Proteção Popular (PYG) destinada apenas para mulheres a YPJ (Unidades de Proteção feminina). Aos moldes do Confederalismo Democrático, não buscaram a consolidação do Estado curdo e nem da implantação de um poder centralizado, e sim, uma democracia sem Estado (DIRIK, 2017).

A Revolução de Rojava buscou, e ainda busca, alguns princípios básicos a serem seguidos por suas comunas, como o confederalismo, a ecologia, a autodefesa e a emancipação das mulheres. Ainda podemos destacar, outros pontos importantes para o desenvolvimento das comunas curdas, como o respeito a outras etnias e religiões, buscando ser um sistema laico, o acolhimento de refugiados, a representatividade para as minorias étnicas, como também, a igualdade de gênero, com quase todas as instituições tendo uma representante mulher como co-presidenta, além de grupos compostos apenas por mulheres para tratarem de assuntos e direitos referentes as mesmas (DIRIK, 2017).

A região onde Rojava está inserida, enfrenta outro problema além das tensões referentes a emancipação curda e a guerra a Síria. Esta também é disputada por um grupo terrorista, o Estado Islâmico que, tem interesse na área por causa do petróleo. O EI, é um grupo terrorista de fundamentalistas islâmicos radicais extremamente violentos. Nas cidades invadidas e ocupadas, as mulheres são as que mais sofrem na mão do EI, pois são vítimas de estupros sistemáticos, além de serem feitas de escravas sexuais e serem vendidas no mercado clandestino (COMITÊ, 2016).

A partir da autodefesa e da emancipação das mulheres, o YPJ, entrou na guerra contra o EI, buscando principalmente a proteção e a segurança das mulheres, por mulheres, como também, atuando de forma decisiva para retomar as cidades que foram tomadas pelos

terroristas. Para se voluntariar no exército da YPJ, as mulheres precisam ter entre 18 e 40 anos, menores de idade não são aceitas, mas essas podem participar do treinamento militar, seja para aprender a se defenderem, seja para entrar no exército quando atingirem a idade mínima estabelecida. Estima-se que as mulheres curdas ocupam 45% do exército curdo, na região do Curdistão sírio (SILVA et al., 2017).

A partir da autonomia e dos conhecimentos adquiridos através da participação no exército, essas mulheres passaram a lutar por algo além da sua proteção e segurança no meio da guerra. Com a Revolução de Rojava e a proposta de um novo sistema de relações entre os cidadãos e as comunas, as mulheres curdas buscaram conquistar a soberania da mulher frente aos padrões impostos pela sociedade patriarcal, especialmente na região a qual estão inseridas, o Oriente Médio. Essa luta compreende também a liberdade de escolha e o respeito para as mulheres que optam por não terem filhos e que não almejam o casamento, o direito a democracia e a educação (SILVA *et al*, 2017). Dentro do próprio território, as curdas desenvolveram uma comunidade exclusiva para mulheres, a Jinwar. A atuação dos homens nessa comunidade ficou restrita à ajuda voluntaria da construção das casas e da escola. O intuito da criação de Jinwar, é expressar que as mulheres não necessitam de homens para viver, criando uma comunidade autossuficiente e segura, destinando-se para todas as mulheres do mundo que queiram se juntar a elas.

Podemos compreender que a Revolução de Rojava e atuação das mulheres curdas no exército, tem propósitos maiores do que a criação do Curdistão e a luta contra o terrorismo no Oriente Médio, ambas buscam uma nova alternativa para a noção de Estado-Nação e os conflitos recorrentes dele. Lutam para a formação de um sistema que preze pela igualdade de gênero, democracia, representatividade e diversidade, relação harmônica com o meio ambiente (STRANGERS IN A TANGLED WILDERNESS, 2014).

Com base no que foi apresentado, chega-se a seguinte pergunta de pesquisa: De que maneira a Revolução de Rojava e as mulheres curdas estão contribuindo com um novo modelo sociedade baseada na emancipação das mulheres?

1.1 OBJETIVO

A seguir, encontramos os objetivos específicos que este trabalho visa responder.

1.1.1 Objetivo geral

Compreender as lutas das mulheres curdas para a libertação das mulheres na sociedade.

1.1.1.1 Objetivos específicos

- Apresentar uma breve introdução da história do povo curdo.
- Analisar a Revolução de Rojava e seus princípios para igualdade de gênero.
- Compreender as reinvindicações das mulheres curdas na atualidade.

1.1.1.1.1 Justificativa

A Revolução de Rojava, que se iniciou junto com a Guerra Síria, em 2011, poderia ser considerada um desses episódios históricos que "esquecemos" de contar, ou que, quando contamos, mostramos um certo revisionismo sobre o acontecimento, ainda mais se tratando dos tempos atuais. Esse silêncio sobre a revolução estava acontecendo, até que, um fato vindo desta região, começou a chamar a atenção dos meios de comunicação: mulheres do oriente médio, com exército próprio estavam lutando contra terroristas. Podemos pensar que isso não é nenhuma novidade, já que, mulheres participando de uma guerra não é algo novo, como nos é exposto no livro A Guerra Não Tem Rosto de Mulher, da autora Svetlana Aleksiévich, por exemplo, mas neste caso em especial, são mulheres de região onde a sociedade é extremamente machista e opressora. Não muito diferente do machismo da sociedade oriental, os meios de comunicação ocidental, em sua maioria os meios digitais, começaram a circular notícias sobre essas mulheres, mas não se preocupando com sua motivação ou sobre a revolução da qual participam, apenas focando em dois pontos: sua estética e como essas mulheres conseguiram enfrentar o temido Estado Islâmico. Este tipo de representação por parte da mídia, é imagem a qual elas não querem ser retratadas. Sua

intenção, ao lutar contra os terroristas, é mostrar para o mundo e para outras mulheres a revolução de seu povo e a força da luta das mesmas.

Além da participação das mulheres na guerra para autodefesa, a Revolução de Rojava e as mulheres curdas, estão desafiando a perspectiva do Estado-Nação e do patriarcado, a partir da construção de uma sociedade que se desenvolve nos moldes de comunidades alto gestoras, com poder descentralizado e horizontal, com a participação de co-presidentes (mulher e homem) em suas instituições, igualdade de gênero e desenvolvimento sustentável. Essa iniciativa busca trazer uma nova alternativa para os atuais problemas enfrentados pelos estados e as crises do capitalismo. Logo, os estudos sobre os acontecimentos na região de rojava podem ser de grande valia para a compreensão de um novo sistema de relações entre os atores internacionais, as atividades desempenhadas por mulheres dentro da sociedade com um real sentimento de emancipação, e também, trazer uma nova perspectiva para as questões de gênero e segurança nas relações internacionais

Vivemos em tempos onde certos sentimentos e acontecimentos do passado estão se tornando cada vez mais frequentes, como se quisessem impedir que algo novo aconteça. Como é o caso da volta do conservadorismo, do sentimento de nacionalista, da xenofobia, do machismo e da família tradicional e a violência contra mulher em muitos países, inclusive os desenvolvidos. Podemos considerar que esses acontecimentos estão ressurgindo para tentar sustentar o sistema patriarcal, pois chegamos em um ponto da sociedade onde as mulheres mostram-se independente dos homens. Esses preceitos saudosistas esbarram na iniciativa que está sendo construída em rojava. Sendo assim, as mulheres curdas e o movimento em Rojava nos mostram que é possível percorrer um outro caminho muito diferente dos rumos que a sociedade ocidental está tomando.

A escolha deste tema para a pesquisa vem de dois pontos que eu acredito que sejam relevantes, o primeiro é o fato de me identificar como mulher, e conseguir compreender as reinvindicações das mulheres curdas, mesmo que seja por uma ótica ocidental. E o segundo, é a importância de se popularizar histórias de mulheres por mulheres.

Em busca de uma forma apropriada para o desenvolvimento desta pesquisa, buscou-se os procedimentos metodológicos expostos na metodologia, a seguir.

1.1.2 METODOLOGIA

Em busca de uma forma apropriada para o desenvolvimento desta pesquisa, procurou-se os seguintes procedimentos metodológicos para estruturá-la. A aplicabilidade é caracterizada como básica, pois apresenta o desenvolvimento de novos saberes científicos sem ter a responsabilidade de ter uma aplicação imediata. No seu decorrer, tende a ser bastante formalizada, contribuindo com a criação de teorias (GIL, 2008). Quando falamos da forma de problema, buscou-se fazer pelo modo qualitativo, pois baseia-se no estudo de levantamento de dados e fontes para a sua elaboração. Isso ocorre pela a redução de dados, que nada mais é do que a seleção dos dados que serão usados, a apresentação, que é a organização desses dados, a fim de perceber suas semelhanças e diferenças, e conclusão ou verificação, que é a revisão dos dados coletados para consideração desses na pesquisa a partir da sua regularidade, padrões e explicações (GIL, 2008). Para o elaborar os objetivos, aplicou-se a forma explicativa, pois tem como objetivo a identificação de fatores que visam determinar ou contribuir com o tema estudado, assim a pesquisa explicativa é a que investiga mais a fundo o conhecimento da realidade (GIL, 2008). Quanto aos procedimentos utilizados, identificamos o bibliográfico. Neste, as fontes utilizadas já veem de um material trabalhado, sobretudo como livros e artigos científicos, tendo como vantagem a forma mais ampla dos acontecimentos, facilitando o entendimento (GIL, 2008). A pesquisa bibliográfica auxilia o pesquisador com inúmeros dados e fontes diferentes, podendo ser jornais, revistas, meios audiovisuais, mapas, livros e publicações (LAKATOS e MARCONI, 2003). Já na técnica de coleta de dados, utilizamos a analise documental, onde as fontes deste tipo de pesquisa se encontram divididas entre primarias e secundarias, fontes escritas ou não escritas, e contemporâneas ou retrospectivas. Podendo exemplifica-las, a partir de uma primaria e outra secundaria respectivamente, diários e autobiografias, fotografias e filmes, documentos de arquivo públicos e estudos históricos a partir de documentos originais, entre outros (LAKATOS e MARCONI, 2003). Ainda explicando sobre as fontes, Lakatos e Marconi (2013, p. 173), colocam, “é evidente que dados secundários, obtidos de livros, revistas, jornais, publicações avulsas e teses, cuja autoria é conhecida, não se confundem com documentos, isto é, dados de fontes primárias”. Desta forma, mostramos os procedimentos metodológicos adotados por esta pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo do projeto visa apresentar de forma introdutória os principais temas que envolvem esta pesquisa. Dividido em três tópicos, os quais estão diretamente ligados aos objetivos específicos, este capitulo traz para os leitores e leitoras uma ambientação e familiarização com os assuntos abordados. Para isso, serão expostos os principais conceitos e autores que trabalham com os temas expostos.

2.1 GÊNERO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O campo de estudos das Relações Internacionais é um ambiente notavelmente masculino. Suas teorias e seus mais consagrados autores tem como característica em comum uma visão de mundo onde o homem e suas "características" são encontradas e exaltadas, de uma certa forma, como o elemento importante das narrativas das RI, que observa o sistema internacional com uma visão machista.

Foi a partir do terceiro debate em RI que essas perspectivas começam a ser questionadas, principalmente com a vertente do pós-positivismo, que tem como foco mostrar que as análises sociais precisam ser levadas em consideração em relação aos acontecimentos internacionais (MONTE, 2013).

Com o terceiro debate e as críticas feitas pelos pós-positivistas, chegamos ao Construtivismo, teoria da qual utilizaremos para associar as questões de gênero em RI. Podemos entender como "construtivistas os primeiros autores que se identificavam como teóricos da construção social da política mundial" (MONTE, 2013). Dos principais autores da teoria construtivista, utilizaremos os estudos de Alexandre Wendt como plano de fundo para abordar as teorias de gênero e a desconstrução do pensamento social. Para Wendt, em seu artigo "A anarquia é os Estados fazem dela", ele tenta nos expor como não existe uma ordem natural, pois a realidade é socialmente construída e as estruturas socias as quais somos envolvidos são formadas por ideias compartilhadas e aceitas, sendo assim, o mundo que vivemos é formado e moldado a partir da aceitação de um ideal que está ligado à construção de um imaginário. Para o autor, as mudanças relacionadas às estruturas sociais e global só serão possíveis se elas estiverem relacionadas com a desconstrução e transformação do pensamento.

A partir desse pensamento de que a realidade é socialmente construída, podemos entender o pensamento de Judith Ann Tickner. A autora compreende que a relação dos

Estados remete às características masculinas pois tradicionalmente é uma área dominada por homens. Para Tickner, a forma de mudar essa visão sobre a masculinidade em RI é a partir da criação e adoção novas teorias e políticas que visam perspectivas distintas as relacionadas com as características ditas como masculinas para os Estados (MONTE, 2013), como o caso do realismo.

> Devemos lembrar que gênero se refere tanto a masculinidade e homens quanto a mulheres e feminilidade. Gênero é uma identidade que resulta em certas expectativas a respeito do que significa ser um homem ou uma mulher. E é possível que as mulheres se comportem de maneiras masculinas; de fato, muitas líderes mulheres bem-sucedidas tentaram fazer exatamente isso. Apesar de que é difícil para a disciplina compreendê-lo, gênero está em todo lugar e todas as abordagens das RI – realismo, liberalismo e construtivismo – são generificadas (TICKNER, 2017, p. 17).

Envolvendo abordagens do movimento pós-positivista e a busca por esclarecimento da falta de mulheres no âmbito dos estudos internacionais, é entre a década de 80 e 90 que os estudos de gênero começam a ganhar força e visão crítica na área das Relações Internacionais. Com isso, o estudo do gênero surge para mostrar as desigualdades que as mulheres enfrentam no âmbito acadêmico, político e social, possíveis alternativas para a superação desses problemas, além de que, visa desconstruir a opressão sofrida por diversos grupos inseridos na sociedade e construir uma perspectiva de sistema onde a igualdade entre esses grupos seja predominante.

> Abordagens que usam o gênero como categoria de análise no estudo das relações internacionais procuram, nas instituições e normas do sistema internacional, explicações para a assimetria nas relações entre os gêneros e instâncias de constituição de identidades de homens e mulheres. Em adição, as abordagens feministas têm em comum o fato de incluir no seu projeto científico uma dimensão política – não apenas de superação da opressão feminina, mas também de construção de uma ordem internacional mais justa, na qual hierarquias, de gênero, classe ou raça, não estejam presentes. (MONTE, 2013, p. 68).

Assim chegamos a um entendimento do conceito de gênero como categoria a ser estudada. Como várias áreas de estudos, as teorias feministas ainda se dividem em algumas vertentes, cada uma com suas particularidades, podendo destacar as seguintes vertentes: a liberal, a radical, a marxista, pós-colonial, feminismo negro, ecofeminismo, transfeminismo entre outros. O principal ponto de diferença entre essas vertentes é o que cada umas delas entendem como o surgimento da opressão contra as mulheres e os procedimentos necessários para superar as desigualdades entre mulheres e homens e as formas de opressão.

2.2 HISTÓRIA DO POVO CURDO

A maior nação sem Estado do planeta é conhecida como a nação curda, estima-se que essa população esteja hoje em torno de 35 milhões de pessoas, destas, 25 milhões estão localizadas entre Irã, Iraque, Síria, Turquia e Armênia (AL JAZEERA, 2017). A palavra Curdistão, é a denominação dada a região que se compreenderia ser o Estado curdo e onde encontra-se a maior parte dessas 25 milhões de pessoas, na região do Oriente Médio. Esta denominação vem da época suméria onde a palavra *kur* significa montanha e *kurti* povo ou tribo da montanha (ÖCALAN, 2008, p. 9), remetendo a geografia da região a qual esse povo se encontrava.

Figura 1 - Mapa das regiões habitadas por curdos

Fonte: https://www.aljazeera.com/news/2017/05/kurds-170516072934887.html

A região do Curdistão, incorporou-se em diversos impérios e Estados ao longo de sua história, mas foi com a dominação da região pelo Império Otomano no século XVI, que os curdos usufruíram de maior “liberdade” para gerir sua nação. O império Otomano anexou a região depois da vitória na guerra contra o Império Safavid, em 1514, mas só foi propriamente reconhecido com o tratado de Zhab (1639-1914). Este tratado certificou o controle dos territórios do leste da Anatólia e do que nos dias de hoje compreende a Síria e Iraque (CAMPOS, 2017).

Essa sensação de liberdade, se deu ao fato de que as guerras enfrentadas para criar os limites do Império Otomano, acabou gerando diversas baixas no seu exército, naquele

momento (CAMPOS, 2017). Percebendo a falta de homens para lidar com a segurança de todo o seu território, os turcos otomanos decidiram, por meios diplomáticos, deixarem os curdos “livres” na região em troca da “defesa da fronteira” (CAMPOS, 2017).

Porém, a relação de conveniência entre os curdos e o Império Otomano começou a ser desfeita a partir das tentativas do império de apoderar-se da região por volta do século XIX (MACHADO, 2017). Com isso, a prosperidade curda chegou a um fim e iniciando um período de revoltas e guerras tanto contra o Império, como entre os ideais que o povo curdo deveria seguir.

Com a derrota na a Primeira Guerra Mundial, em 1918, as áreas que compreendiam o Império Otomano são desfeitas e divididas pelas potências vencedoras, Inglaterra e França. Essa divisão foi a que delimitou os limites geográficos que conhecemos hoje entre os Estados do Irã, Iraque, Turquia e Síria.

> As potencias da época se reuniram na tentativa de criar Estados neste território, para que, com aliados, pudessem exercer determinada influência que combatesse supostos inimigos. É nesse momento que é criado o Estado do Iraque e que surge a possibilidade de criação de um Estado curdo (RODRIGUES, 2010, p.2).

A primeira tentativa de uma nova configuração surgiu do acordo de Sèvres, 1920, entre as nações que venceram a guerra e o governo turco-otomano da época (CAMPOS, 2017, p. 16), mas o recorte final aconteceu com Tratado de Lausanne, 1923. A configuração de um novo tratado ocorreu depois do movimento nacionalista turco vencer a Guerra de Independência, em outubro de 1923, e acabar de vez com as chances da criação do Estado do Curdistão (RODRIGUES, 2010, p.2).

No mapa abaixo, podemos ver as transformações territoriais que ocorreram no Império Otomano e compreender, como estas mudanças fundaram os Estados que conhecemos hoje. A linha na cor bege, nos mostra a extensão territorial máxima que este império obteve, nas áreas de cor roxa, rosa e salmão, os territórios perdidos em 1886, 1914 e 1920, respectivamente. Em amarelo, podemos ver o que restou do império em 1920, com o tratado de Sèvres, que começou a definir a região. A área delimitada em verde escuro, se refere ao território definido pelo tratado de Lauseanne (1923), que definiu os limites atuais dos 4 países da região, a partir da criação das fronteiras da recém-formada República Turquia.

Figura 2 - Mapa das divisões do Império Otomano

Fonte: brasildelonge.com

Foi a partir da criação da república turca, em 1923, que começaram as maiores ondas de repreensão e violência contra o movimento dos curdos e sua da cultura. Como nos coloca Moraes e Vieira (2017, p. 9) “o novo regime turco, buscando a unificação do país, empenhou-se em combater a língua, a cultura e as instituições curdas”. Entretanto, essa violência e repressão contra os curdos não foi apenas do lado da Turquia, os outros Estados pelos os quais o Curdistão foi dividido, também buscaram esses tipos de ações para repreender esta população.

> A repressão permanente do Estado turco é um elemento essencial para compreender a questão curda. A negação da existência de outros povos dentro do Estado gera uma intensa repressão – fruto das tentativas de anulação promovidas pela Turquia –. Os curdos passam a ser conhecidos como "turcos da montanha" negando-lhes a sua etnia. Vale lembrar que o modelo de assimilação também aconteceu na Síria, Irã e Iraque (...) (RIBEIRO, 2015, p. 22).

Os movimentos autoritários do governo turco buscavam criar uma hegemonia da cultura turca na região. Esta atitude não se deu apenas contra os curdos, mas com diversas minorias presentes naquele Estado. "Processos de "turquificação" foram impostos e todas populações minoritárias da Turquia foram oprimidas. Pessoas eram forçadas a falar em turco, mesmo quando não era sua língua primária" (ECRET e ANDERSON 2016, p.51).

A perseguição contra os curdos foi se tornando cada vez mais violenta, acontecendo diversos ataques de turcos contra as manifestações e levantes curdos. Com o autoritarismo do governo da Turquia crescendo, os curdos em 1978, criam o PPK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão), onde buscaram se organizar para a criação do Estado do Curdistão e a revidar os ataques turcos para evitar a destruição do seu povo, tendo Abdullah Öcalan como seu líder.

Na década de 90, o governo turco continuou com as operações de "turquificação" por meio de ataques a vilas curdas. Os ataques aconteciam para que as pessoas precisassem se mudar e buscassem uma vida aos moldes da cultura turca, estima-se que mais de três mil vilas tenham sido destruídas (ECRET e ANDERSON 2016, p.53).

Além das ações diretas nas áreas consideradas curdas, o governo passou a perseguir os militantes do PKK, até que em 1999, conseguiram prender o principal líder do partido, Öcalan. Foi a partir da prisão de Öcalan que o foco do PKK e da luta curda começou a se modificar. Os conhecimentos obtidos no encarceramento foram essências para esta mudança, servindo de base para a criação do confederalismo democrático e o abandono da criação do Estado do Curdistão.

> Na prisão, Öcalan provocou uma mudança na política declarada do PKK, do marxismo-leninismo para o confederalismo democrático, e renunciou à meta anterior do PKK de estabelecer um Estado independente do Curdistão. Öcalan anunciou esta mudança na política de sua cela na prisão em 2005. (ECRET e ANDERSON 2016, p.54).

Mesmo nos dias de hoje, os curdos ainda sofrem severas perseguições por causa do seu movimento e sua cultura. Ainda não são bem vistos nos países aos quais estão espalhados, mas já encontraram certa autonomia em províncias declaradas independentes. Nos últimos anos, foi a luta armada contra os terroristas do Estado Islâmico que fez com que

os curdos fossem noticiados, como também, a reformulação planejada por Öcalan, começasse a se tornar real na região da Síria, conhecida como a Revolução de Rojava.

2.3 CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO

Abdullah Ocalan é um dos representantes mais importantes da causa curda na atualidade, foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), em 1978, e o criador do Confederalismo Democrático. Mesmo depois da sua prisão, ainda é uma das principais vozes e liderança do movimento curdo.

Quando fundou o PKK[1], sua maior ambição para a causa curda era a fundação do Curdistão, um Estado-nação para o seu povo. Com sua prisão e a sentença de cárcere perpetuo[2], Öcalan buscou aprofundar-se em estudos que lidassem com as questões curdas, abrangendo a complexidade da região e suas diversidades culturais. Em seus estudos, dedicou-se a entender o feminismo e a participação das mulheres na sociedade e suas particularidades, a importância da relação com o meio ambiente e os estudos de Murray Bookchin[3] e sua teoria do Municipalismo Libertário para planejar uma nova sociedade para os curdos e as minorias presentes nas regiões.

Estes foram os pontos essências para a criação do confederalismo democrático. Com esta teoria, buscou desenvolver uma possível solução para os conflitos e disputas do Oriente Médio, principalmente a causa curda, não mais com um viés ocidental e capitalista, mas sim, com um viés regional, respeitando a diversidade étnica para uma possível solução das problemáticas locais, pois, em sua visão “sem oposição contra a modernidade capitalista não haverá lugar para a libertação dos povos” (ÖCALAN, 2016, p. 28).

Para a compreensão desta teoria, Öcalan criou um livro com visões e ideais que mostram como o Estado-nação e o sistema vigente, o capitalismo, oprimem e perpetuam as desigualdades do sistema internacional e ferem as democracias, sem uma real intenção de solucionar as problemáticas neles envolvidos. Foi a partir desta crítica ao Estado-nação, por meio do confederalismo democrático, que ele buscou uma solução para estes problemas, aplicando seus estudos na causa curda, nos territórios libertados, no norte da Síria.

---

[1] Em curdo, Partiya Karkerên Kurdistan (PKK), fundado em 1978, na Turquia, por Abdullah Ocalan e outros militantes, para organizar a luta curda.

[2] Na prisão de Irmali, no mar de Mármara, no ano de 1999.

[3] Teórico anarquista estadunidense, criador da teoria da Ecologia Social.

Com o fim da luta por um Estado-nação, o povo curdo voltou-se para uma nova forma de sociedade, onde a diversidade presente naquela região seja respeitada e representada perante a sua democracia. Assim, a luta curda deixou de almejar um modelo de sistema em crise e que reproduziu opressões sob o seu povo e optou por uma modelo que rompe com as formas imperialistas e de visão eurocêntrica sob a sua região. Como o próprio Öcalan expõe "no Oriente Médio, a democracia não pode ser imposta pelo sistema capitalista e seus poderes imperialistas, que só prejudicam a democracia. A propagação da democracia de base é fundamental. É a única abordagem que pode lidar com diversos grupos étnicos, religiões e diferenças de classe" (2016, p. 35).

A visão que Öcalan e os curdos tem hoje sobre a organização dos países no sistema internacional, é uma perspectiva onde os privilégios são mantidos e a violência é reproduzida. Segundo Morel (2016),

> O movimento curdo passa a apontar para o estabelecimento dos Estados-nações, central no paradigma da modernidade capitalista, como um dos grandes pilares da opressão que sofrem, evidenciando a conexão causal entre essa opressão e a dominação global do sistema capitalista. Os Estados-nações se desenvolveriam através de todo tipo de monopólio (político, econômico, ideológico), tendo como base o sexismo e o nacionalismo. A escravidão da mulher seria a opressão mais profunda e disfarçada, enquanto o nacionalismo teria propiciado séculos de destruição em nome de uma sociedade unitária imaginária.

Para entender como o Estado-nação mantem suas formas de opressão, em seus textos, Öcalan, evidenciou algumas características que ele entende como perpetuadoras dessa opressão. O nacionalismo apareceu em primeiro lugar, associando-o como uma teoria religiosa que serve para justificar o lucro e a hegemonia do poder, sustentando-se na exploração e na força de todas as áreas da sociedade (Öcalan, 2016). Outro ponto importante é o sexismo, que foi compreendido como uma das formas de poder do Estado-nação. As mulheres são assimiladas como um recurso valioso pois são vistas como mão de obra barata e um objeto que possibilita a reprodução masculina (Öcalan, 2016). Assim, percebemos que para ele, as mulheres, na sociedade capitalista, são apenas instrumentos para manter as ambições dos poderes masculinos e a sociedade patriarcal em vigor, quando participantes deste meio, ou apenas mais um grupo a ser explorado e ignorado pelo Estado. Sobre este assunto, Öcalan (2016, p. 24) entende que:

> O sexismo socialmente enraizado não é menos perigoso que o capitalismo. O patriarcado, no entanto, tenta esconder estes fatos a qualquer custo. Isso é compreensível, tendo em vista o fato de que todas as relações de poder e ideologias estatais são alimentadas por conceitos e comportamentos sexistas. Sem a repressão

> das mulheres, a repressão de toda a sociedade não é concebível. O sexismo na sociedade do Estado-nação, por um lado, dá ao homem o máximo poder e, por outro lado, torna a sociedade, para a mulher, a pior colônia de todas. Assim, a mulher é a colônia nacional histórica da sociedade, que obteve a pior posição dentro do Estado-nação. Todas as ideologias de poder e de Estado decorrem de atitudes e comportamentos sexistas. A escravidão da mulher é a mais profunda e disfarçada questão social, onde todos os tipos de escravidão, opressão e colonização são realizados. O capitalismo e o Estado-nação agem com plena consciência disso. Sem a escravidão da mulher, nenhum dos outros tipos de escravidão podem existir e muito menos se desenvolver. O capitalismo e o Estado-nação representam a mais institucionalizada dominação masculina (ÖCALAN, 2016, p. 24).

Este entendimento sobre o sexismo do Estado-nação foi fundamental para que um dos princípios do confederalismo democrático fosse a emancipação das mulheres e as pautas feministas. Entretanto, as críticas as características do Estado não ficam apenas com o nacionalismo e o sexismo, a religiosidade entra como um terceiro pilar da natureza do Estado. Mesmo entendendo que muitos Estados têm em suas constituições a laicidade, muitos deles usam a influência da religião para seus interesses próprios. Com isso, a compreensão do papel da religiosidade como instrumento do Estado é posta por Öcalan como, "ela só pode fazer o que é permitido pelo Estado-nação. Sua ainda existente influência e sua funcionalidade, que podem ser mal utilizadas para a promoção do nacionalismo, são aspectos interessantes para o Estado-nação. Em alguns casos, a religião toma o papel do nacionalismo" (2016, p. 25).

Percebe-se que para ele a religião não é o mal do sistema, mas sim, sua utilização de forma deturpada pelos poderes em exercício no sistema internacional.

Compreender que o confederalismo democrático é um modelo diferente gerir o sistema, na área na qual o Curdistão e os países em sua volta estão inseridos, a partir do respeito e da democracia as diversidades étnicas e religiosas, que são muito presentes nestes territórios. Como expõe Farias e Nogueira (2018, p. 171) "a paz sustentável será, portanto, estabelecida por meio da mútua aceitação e da plena integração das identidades na sociedade. Essa integração deve ser efetivada com ações que honrem o multiculturalismo e respeitem as liberdades políticas".

Além de ser uma teoria desenvolvida e criada para as características do Oriente Médio, em um primeiro momento, essa teoria visa tentar resolver a questão dos curdos e sua busca por um espaço entre os países os quais estão divididos. Este espaço não é mais a criação de um Estado-Nação aos moldes dos que conhecemos hoje, e sim, como o próprio Öcalan (2016, p. 36) descreve, como um movimento que busca formar "estruturas federativas no Irã, Turquia, Síria e Iraque, abertas para todos os curdos e, ao mesmo tempo, formar uma confederação comum para as quatro partes do Curdistão".

A estrutura do confederalismo democrático demanda a gestão de um autogoverno na sociedade curda, onde as comunidades locais possam se organizar em conselhos para a auto-gestão. Em um primeiro momento, a autogoverno viria através da adoção dos direitos dos curdos nas constituições dos países nos quais eles estão inseridos, onde em áreas curdas, os mesmos poderiam ter autonomia para gerir sua sociedade. Buscando também experiências de outros tipos de organizações como de clãs e tribos para compor o seu novo modelo, como coloca Morel (2016),

> (...) valorizar as experiências históricas da sociedade e sua herança coletiva, baseadas em clãs e tribos, em oposição às estruturas centralizadoras do Estado-nação. Os diferentes atores sociais formam unidades federativas, células germinais da democracia participativa, que podem se associar em novas confederações mais amplas.

Uma população envolvida em todos os níveis da política se faz necessária para preservar o funcionamento da autogestão, pois mantém os cidadãos incluídos nos processos decisórios que afetam suas vidas. Assim, evitando as possíveis crises de Estado que se intensificam quando a população não se mais representada pela classe política, segundo Öcalan, (2016).

De forma geral, podemos entender o confederalismo democrático como um projeto que visa nos mostrar uma nova perspectiva de sistema, onde o Estado não é mais o centralizador do poder e sim, apenas um órgão administrador que opera as decisões tomadas pelas comunidades populares e suas assembleias.

Além desta estrutura social e política, podemos definir outras três características importantes desta teoria que, é a autodefesa, que acontece através de exércitos que atuam junto com as decisões populares, que conforme Morel, (2016) expõe:

> Diferente da militarização verticalizada típica dos Estados, as forças de segurança devem responder às decisões populares tomadas de baixo para cima e todos que participam da autodefesa frequentam cursos de resolução de conflitos não violenta e de teoria feminista. A ideia em médio prazo é que toda a população possa receber treinos de autodefesa, para que não seja necessário polícia.

O feminismo, que é expresso por Öcalan (2016, p. 11) com sendo “fundamental a ideia de que as mulheres organizadas podem gerenciar a si mesmas, e, mais do que isso, sem a libertação da mulher é impossível pensar uma sociedade igualitária”.

E por último, a ecologia, que pode ser entendida como uma relação de equilíbrio e cuidado com a terra, visto que, não há progresso com a destruição do meio ambiente. Além do

que, é a partir deste pensamento sobre o meio ambiente que gere a economia no confederalismo democrático, posto que,

> Em oposição à economia capitalista propõe um sistema econômico baseado nas "comunidades ecológicas e econômicas", bases para a criação de um sistema econômico voltado a dar resposta às necessidades fundamentais da sociedade e não à obtenção de benefícios, e que seja capaz de proteger o meio ambiente. (DILAR DIRIK, 2017).

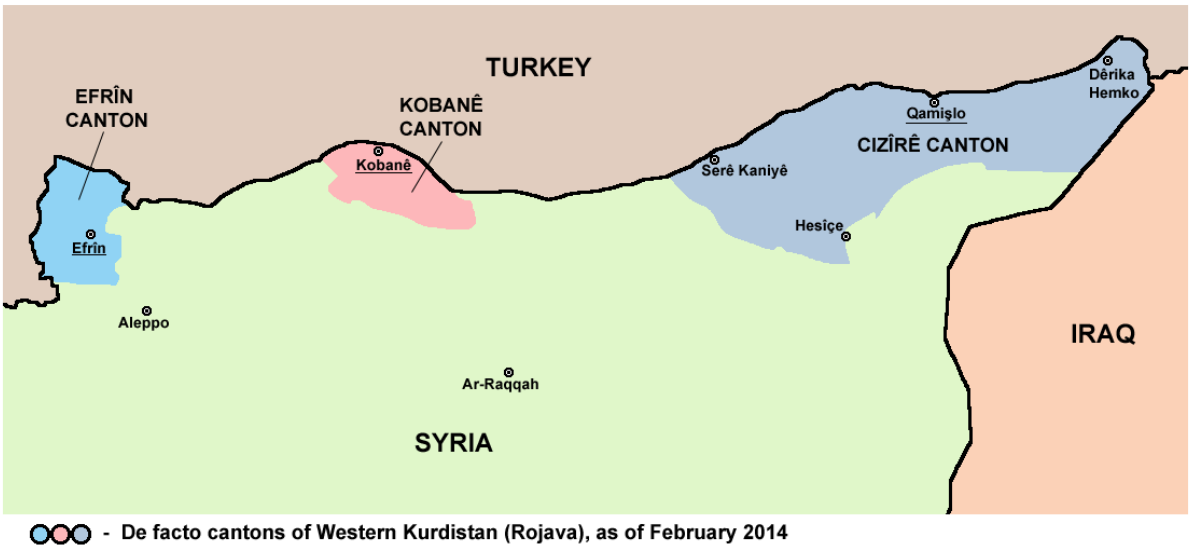
Visto estes princípios, identificamos que esta teoria vai contra os ideais dominantes no sistema internacional nos dias de hoje, como já foi exposto. Assim, como o entendido por Moraes e Vieira (2017, p. 83) "o Confederalismo Democrático defende, em sua essência, a superação do capitalismo como sistema econômico, a emancipação dos trabalhadores, a liberdade das mulheres diante da opressão do patriarcado e uma relação biocêntrica com a natureza."

Apesar de seu enfoque ser na causa curda, o confederalismo democrático traz medidas interessantes para repensarmos sobre os caminhos que estamos tomando frente ao sistema internacional e dentro dos próprios Estados, com medidas voltadas para o bem-estar social, a libertação das mulheres mesmo no ocidente e desenvolvimento de sociedades consciente.

3 REVOLUÇÃO DE ROJAVA

Podemos identificar um dos principais elementos para a iniciativa do surgimento da Revolução de Rojava[4], nome dado a região que compreende do Curdistão sírio, a Guerra da Síria, que ocorreu em meados de 2011. Isso se deu ao fato, de que, com a desestabilização do Estado sírio, o governo deixou de voltar suas atenções para as causas curdas e voltou-se para a guerra civil e o avanço do Estado Islâmico na região. Com a "ausência" do governo sírio na parte norte do país, onde os curdos entendem como parte do Curdistão sírio, estes mesmos se organizaram e reivindicaram a Revolução de Rojava, em uma área que compreende os três cantões de Kobanê, Afrîn e Cîzere (WILDERNESS, 2016).

Figura 3 - Mapa dos três cantões de Rojava



Fonte: The Kurdish Project

De forma resumida, o texto acima nos dá uma leve introdução das principais questões que desencadearam na autonomia curda na região. Para compreendermos um pouco mais a fundo, vamos explicar os movimentos que levaram a Síria ao colapso, para mais tarde, mostrarmos de que forma foi possível a autonomia nas regiões que deram início a revolução de rojava.

No ano de 2011, revoltas se espalharam por alguns países do norte da África e no Oriente Médio. Este movimento de revoltas teve início na Tunísia, em dezembro de 2010, e

[4] Em curdo o nome da região é Rojavayê Kurdistanê. Rojava significa "Oeste".

acabou se espalhando para as regiões já citadas, gerando resultados diferentes em cada país (TEIXEIRA, 2014), este período de protestos e movimentos que buscavam melhores condições sociais acabou ficando conhecido como Primavera Árabe.

Para a Síria, a Primavera Árabe, foi o estopim que a população precisava para ir para as ruas e protestar contra o governo de 50 anos do regime Baath[5], sendo destes, 40 anos sob o domínio da família Assad (DIRIK, 2017). O ponto máximo das manifestações e que foi um dos motivos que levou a guerra, foi o encarceramento e tortura de crianças e adolescentes que picharam frases contra o regime opressor de Assad, na cidade de Daraa, em março de 2011 (MORAIS E VIEIRA, 2017). Os familiares e pais dos jovens presos foram as ruas para protestas e pedir que devolvessem os seus filhos. Como resposta, "o chefe das forças de segurança do regime, General Atef Najib, primo de Assad, declarou: "Mande-nos suas esposas e faremos filhos novos para vocês" (WEISS & HASSAN, 2015, P.127 *apud* MORAIS e VIEIRA). Esta declaração intensificou os protestos e foi a partir disso que o regime de Assad foi cada vez mais violento para contê-los, gerando diversas mortes.

A violência que o governo sírio empregou desde o início das manifestações, que até aquele momento eram pacificas, fez com que em meados de julho de 2011, começassem a surgir milícias para lutar contra as forças do governo, como também, foi onde o exército sírio se dividiu entre apoiadores e opositores, criando o Exército Livre da Síria (FSA), formados por desertores do exército nacional (DIRIK, 2017).

A criação de diversas milícias, a violência e o autoritarismo do governo de Assad, fez com que as manifestações pacíficas em prol de melhoras sociais, culminasse em uma guerra civil. Em um primeiro momento, como coloca a Dilar Dirik[6] (2017), no livro A revolução Ignorada,

> os protestos e a luta armada foram conduzidos pelo povo auto-organizado e por setores progressistas da sociedade. Contudo, por conta dos interesses geoestratégicos de algumas potências internacionais e regionais, como, por exemplo, os EUA ou o Qatar, certos grupos fundamentalistas islâmicos dentro do FSA receberam apoio e mesmo patrocínio; grupos que pouco a pouco foram tirando o espaço dos demais grupos opositores, causando uma fagocitose do FSA por parte desses setores tão ou mais reacionários que o próprio regime de Assad. Além disso, vemos que grupos como o ISIS participaram da guerra civil da Síria, atacando praticamente só zonas e grupos não governistas. (DILAR DIRIK, 2017).

[5] Partido Socialista Árabe da Síria. Controla a Síria desde o golpe de Estado em 1963. Em 1970, passou a ser chefiado pela família al-Assad, que está até hoje no poder.

[6] Dilar Dirik é uma ativista curda.

Assim, a Síria virou palco de um dos piores conflitos dos últimos anos, que acabou se desdobrando em diversas questões tanto para o ambiente interno, quanto para o sistema internacional, haja vista a crise de refugiados. Com a desestabilização do governo sírio, os curdos começaram a traçar alternativas para a autonomia da região de Rojava. Como podemos observar acima esta revolução se deu em um contexto de interferências internas e externas, além do terrorismo.

Terrorismo este, que assim como a Síria, os curdos também tiveram que enfrentar nas suas regiões autônomas. Esta luta foi um ponto importante para a revolução e para a causa curda. A atuação contra o terrorismo do Estado Islâmico que acabou trazendo a notoriedade dos curdos nos meios de comunicação e importantes conquistas para estabilização da região. Isto se deu ao fato das suas ações bem-sucedidas contra os terroristas e a ocupação das áreas antes dominadas pelos mesmos. Um dos principais motivos para as vitorias frente a esse grupo, se deu através da atuação do exército das mulheres curdas, que contribuem para a defesa área de Rojava.

Voltando os desdobramentos da guerra na Síria e o vácuo de poder gerado em algumas regiões, vamos mostrar como se estruturou a revolução de rojava. A região a qual Rojava está localizada tem a maior população de curdos, e algumas minorias, como os yazidis[7] da Síria. A questão populacional é importante pois foi um dos motivos pelo quais o governo sírio, mesmo antes da guerra, não procurou solucionar as problemáticas locais ou desenvolver a área. Além do descaso do governo, outra questão importante desta região, é a fronteira com a Turquia, algo que envolveu a Síria em diversas disputas. Isto faz com que a região sofra com embargos, retaliações e fechamento de fronteiras.

A Turquia entra como um importante ator nesta região não só por questões com a Síria, mas também, por sua incessante luta para acabar com o PKK. Isto porque, antes mesmo da revolução, e também, o que ajudou a estabelecer a região autônoma, foi a presença de membros do PKK em território sírio. Esta presença se deve ao fato que, na época em que o PKK teve seus piores confrontos com o governo turco, muitos militares curdos se refugiaram na região, inclusive Öcalan, onde conquistou a população, facilitando a aceitação da revolução (WILDNERNESS, 2014). Além do refúgio, criaram bases de treinamento militar e se envolveram com as comunidades locais. Estas perspectivas nos permitem ter uma noção de como é a situação e os problemas enfrentados em Rojava até hoje.

---

[7] Minoria étnico-religiosa espalhada pelo Iraque, Síria, Turquia e Armênia. É umas das populações mais perseguidas pelos terroristas do Estado Islâmico.

Ainda em 2012, com a guerra se espalhando por todos os cantos da Síria, o governo decidiu tirar os funcionários estatais e os militares da região curda. Esta atitude permitiu que rapidamente os grupos curdos assumissem o poder no norte do país, criando estruturas de coalizão entre o PYD[8] (aliado do PKK) e o Governo Regional do Curdistão (KRG) [9], curdos do Iraque (alinhados com a Turquia). Esta coalizão de lideranças começou a criar atritos dentro da região, chegando quase há um conflito armado. Foi a partir disso que estes os lideres entraram em um acordo, gerando o órgão governamental que é o responsável até hoje pelas regiões autônomas. Como nos expõe o Comitê,

> Houve tensão entre o PYD e partidos alinhados com o Governo Regional do Curdistão (KRG) do Iraque, e, por certo tempo, houve duas coalizões concorrentes: o Comitê de Coordenação Nacional para a Mudança Democrática (NCC), alinhado ao PYD e o Conselho Nacional Curdo (KNC), alinhado ao KRG. No início de 2012, quando a tensão entre os dois grupos parecia que iria gerar um conflito armado, o presidente do KRG, Massoud Barzani, e líderes do PKK apresentaram uma proposta dos dois grupos em conjunto de se formar uma nova coalizão chamada Conselho Supremo Curdo (SKC), formada por mais de quinze partidos políticos e centenas de conselhos comunitários. Poucos meses após a formação, o SKC mudou seu nome para Movimento da Sociedade Democrática (TEV-DEM)[12] e incluiu grupos não-curdos, como partidos políticos e organizações na coalizão. O TEV-DEM criou uma estrutura governamental interina para a região de Rojava. O programa do TEV-DEM é profundamente influenciado pelas ideias do PYD de "confederalismo democrático" (...) (COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO, 2016, p. 31).

Em julho de 2012 (RIBEIRO, 2019), é declarada a autonomia dos três cantões da região de rojava, Afrîn, Cizerê e Kobanê. Os cantões são separados por regiões que são controladas tanto pelo EI[10], como pelo FSA[11], sendo difícil determinar as exatas fronteiras pois a região vive envolvida em diversos conflitos e ocorrendo mudanças repentinas. A população também é estimada pelos mesmos motivos, além da questão de refugiados, logo estima-se que haja por volta de 3,8 milhões de pessoas, englobando diversas etnias (HOSSEINI, 2016).

A questão de como as áreas foram liberadas existem certas duvidas pois não houve resistência em certas regiões, mesmo nas áreas onde exército sírio estava presente, apontando que o vácuo de poder pode ter sido proposital e com interesses do próprio regime. Isso demonstra que houve um possível acordo entre curdos e o governo, como coloca o Dilar Dirik (2017), "Neste ponto há certa controvérsia, há quem diga que os curdos chegaram a um

---

[8] Partido da União Democrática, fundado na Síria (2003), adepto ao confederalismo democrático.

[9] É o governo da região autônoma do Curdistão do Iraque, não é adepto ao confederalismo democrático.

[10] Estado Islâmico.

[11] Exército Livre da Síria, opositor ao governo de al-Assad.

pacto com o regime e há quem diga que a força das milícias curdas impôs tanto respeito ao regime que este não teve outro remédio que não fosse bater em retirada", ainda segundo esta mesma autora, a postura do regime de Assad foi discutida sobre duas hipóteses,

> Há outras duas razões que explicam por que o regime agiu dessa forma: por um lado previa que os curdos não entrariam em conflito fora das áreas de maioria curda e tampouco apoiariam o FSA; por outro lado, podia utilizar as tropas nas outras áreas onde eram mais necessárias (como Damasco, onde havia uma importante ofensiva dos rebeldes nesse momento), evitando assim o custo econômico e humano que se supunha ao abrir duas frentes de combate, provavelmente deixando para mais tarde o problema curdo (DILAR DIRIK, 2017).

O fato de as áreas terem sido liberadas, não trouxe a estabilização para todas as regiões que compõem este novo projeto político social. No ano de 2014, foi decretado "oficialmente" a Autonomia Democrática, com a criação de três cantões, o de Efrîn, Kobanê e Cizerê, onde se estabeleceu a revolução guiada pela teoria de Öcalan e suas estruturas, trazendo a nova perspectiva para os curdos do norte da Síria. Estruturando os princípios de igualdade de gênero e emancipação das mulheres, a autodefesa, o respeito a diversidade étnica e a superação do capitalismo, como Morel (2016) sugere,

> Diferente de uma ideia comum relacionada às lutas dos povos minoritários, o movimento de libertação curdo não busca construir um novo Estado. Atravessando a questão étnica, mas indo além dessa, o movimento apresenta uma proposta, que está sendo experimentada nos territórios liberados[1], de ruptura radical com a modernidade capitalista: a construção da autonomia a partir do Confederalismo Democrático. (MOREL, 2016, p. 7).

Não se sabe ao certo se a revolução de Rojava vai conseguir manter seu caráter descentralizador na estrutura da sociedade e na forma poder. Podemos dizer que a revolução ainda está em uma fase de experimental e entende-la como um movimento radical contra o Estado, mas lembrando que ela está inserida entre eles. Sua proposta de um novo modelo de sistema, na região do Oriente Médio, é ousada e pautada na democracia direta, liberdade e pluralismo (STRANGERS IN A TANGLED WILDERNSS, 2014).

3.1 CONFLITO CONTRA O ESTADO ISLÂMICO EM KOBANE

Outro problema que assola a Síria como um todo, é a presença do Estado Islâmico, que ganhou força e se estruturou no meio da guerra civil deste Estado. O Estado

Islâmico surgiu por uma divisão dentro de outro grupo terrorista, a al-Qaeda[12], onde reivindicavam uma vertente ideológica diferente. Vale lembrar que muitos destes grupos terroristas ganharam força com as interferências internacionais na região do Oriente Médio, diga-se de passagem, a interferência estadunidense e as diversas guerras criadas.

Com o caos sírio, estes terroristas tomaram diversas regiões do país para a criação do seu califado, sendo uma destas, a região norte da Síria, nas áreas autônomas. Isto se deu ao fato de que, a localização da revolução curda e de minorias étnicas, ser um ponto estratégico tanto geopoliticamente pelas fronteiras com o Iraque e a Turquia, como também fonte de os recursos naturais, como o petróleo.

No mapa abaixo, vemos as regiões que o Estado Islâmico conseguiu conquistar para montar seu califado. Como exemplificado no mapa, os terroristas conseguiram se estabelecer em regiões da Síria, chegando a Kobanê, no Iraque e em boa parte da fronteira da Turquia com a Síria.

Figura 4 - Mapa das regiões controladas pelo ISIS

Fonte: dinamicaglobal.wordpress.com

Em meados de 2013, começaram pequenos conflitos tanto com o FSA (Exército Livre da Síria), como com o ISIS, porém, o maior conflito envolvendo o exército curdo do YPG[13] e YPJ[14] viria no ano seguinte, com a invasão do grupo terrorista na região de Kobanê,

[12] É uma organização fundamentalista islâmica, fundada em 1988, por Osama bin Laden.

[13] Unidades de Defesa Popular curda, criada em 2004, são milícias curdas para defender a região.

[14] Unidades de Defesa das Mulheres (2013), são milícias exclusivas para mulheres.

fortalecidos pelas vitorias contra o exército iraquiano, que deixaram diversos tipos de armamento pesado para trás (COMITÊ, 2016).

Além das questões geoestratégicas e o petróleo, o estopim para a invasão barbara dos ISIS foi o cerco que o exército curdo, formados pelo YPG e a YPJ, criaram para resgatar os yazidis, em Sinjar, no Iraque, região do Curdistão iraquiano, como vemos no exposto da Dirik (2017),

> Essa região do Iraque é habitada pela minoria yazidi e está dentro do Governo Regional do Curdistão. Durante o verão daquele ano as forças do ISIS atacam Sinjar, e as forças dos peshmerga se retiram deixando sem proteção a população. O ISIS avança massacrando os yazidis e capturando as mulheres para vendê-las como escravas sexuais. Nesse momento as forças das YPG e YPJ penetram no território iraquiano, lutando contra o ISIS e abrindo um corredor humanitário pelos quais permitem a fuga da população civil. Graças a ele, por volta de 100 mil yazidis conseguem fugir para Rojava. O ISIS não perdoará esse fato, e em setembro de 2014 desfere um ataque contra Kobane (...) (DILAR DIRIK, 2017).

O ataque a Kobanê mostrou a força que o movimento curdo tem. Mesmo tendo o menor número de soldados e materiais de guerra defasados, os curdos conseguiram resistir frente ao ISIS, numa disputa que durou de setembro de 2014 a janeiro de 2015. Esta disputa durou aproximadamente 4 meses (DIRIK, 2017) e destruiu 80% do território (SAADI, 2019). Quando os curdos voltaram a ter o controle da região, esta, estava devastada, sendo que até hoje, é uma das localidades com a maior dificuldade de implementar as transformações do confederalismo democrático.

Figura 5 - Destruição de Kobanê

Fonte: DW

A imagem acima mostra uma realidade enfrentada pelos moradores das áreas de Kobanê, onde estima-se que 80% da cidade tenha sido destruída pela guerra contra os terroristas do Estado Islâmico (SAADI, 2019). Na imagem, podemos ver alguns moradores retornando para o que sobrou desta cidade, onde buscaram retomar sua rotina de vida, como Kaban, um morador da região, que teve que deixa-la por causa da guerra, na entrevista concedida para o jornal eletrônico DW. Nela, Kaban relata que assim que soube que os curdos tinham conseguido o controle da região, decidiu voltar (SHEIKHO, 2015), dizendo "Acabamos de voltar à vida normal, apesar dos danos causados à minha casa e da destruição do meu restaurante", disse Kaban à DW, aparentando estar feliz." (SHEIKHO, 2015). Nos mostrando que mesmo no meio do caos deixado pela guerra, aos poucos, os moradores tentam reconstruir o que sobrou desta região.

A resistência de Kobanê, obteve a ajuda de diferentes grupos, como a própria FSA e os pashmerga[15] (exército dos curdos iraquianos). Os Estados Unidos também participaram com bombardeios aéreos, mas de forma limitada, pois um de seus principais parceiros na região do Oriente Médio é a Turquia, sendo ela o maior exército terrestre da Otan[16], na região. E como já falado, a Turquia é contra o movimento curdo como um todo, ainda mais, com a conquista da autonomia nas suas fronteiras. Sobre as relações de outros Estados nas questões que envolvem rojava, segundo Carvalho (2016), os curdos analisam como,

> (...) negociam entre si; apoiam um ou outro Estado ao redor, seja Síria ou Turquia; voltam-se contra estes mesmos Estados. Fazem negócios como em muitos outros momentos. Da mesma forma que os EUA, por meio da CIA, financiara a organização de Osama bin Laden contra o avanço da URSS em território afegão nos anos 1980. Em Rojava, seus combatentes sabem que a "ajuda" de Estados não é desinteressada, e que em algum momento terão que lidar com essas relações se não quiserem sucumbir ao formato estatal e entrar no jogo (CARVALHO, 2016, p. 85).

Sobre atuação internacional, no conflito dos curdos contra o Estado Islâmico, vale ressaltar que a "ajuda" destes, não teve nenhuma intenção de dar suporte à iniciativa do movimento democrático dos curdos, como colocou Jonas, na tradução do artigo de Pepe Escobar, "portanto, Kobanê é agora um peão crucial em um jogo impiedoso manipulado por Washington, Ancara e Erbil. Nenhum desses atores quer que o experimento de democracia direta em Kobanê e Rojava tenha êxito, seja expandido e comece a ser conhecido em todo o

---

[15] Significa "aqueles que enfrentam a morte". São as forças armadas do Curdistão do Iraque.

[16] Organização do Tratado do Atlântico Norte é uma aliança militar intergovernamental.

Sul Global" (JONAS, 2014). Logo, a defesa desta área só obteve a "ajuda" internacional, pois haviam receios que fontes importantes de recursos naturais fossem tomadas pelos terroristas, ademais, assim que não fosse mais necessária a ação contra este grupo, não haveria mais o suporte as áreas autônomas.

Vale destacar a atuação das YPJ neste conflito. As Unidades de Defesa das Mulheres (YPJ), são milícias exclusivas de mulheres curdas criadas para autodefesa e a proteção de rojava. Foi através do descobrimento deste exército feminino, que os meios de comunicação começaram a falar sobre os curdos, mas não sobre o seu movimento ou a emancipação destas mulheres, mas sim do medo que os terroristas tinham em morrer na mão dessas mulheres. Deixando de lado, toda atuação das curdas na resistência e seus atos de sacrifício de vida que contribuíram para libertação de Kobanê e evitassem que fossem pegas pelos terroristas.

As combatentes curdas não lutam apenas pela proteção dos cantões e pelos direitos dos curdos, mas sim, para mostrar para todas as mulheres que elas podem e devem lutar pelo o que acreditam. Para elas, a luta contra o EI é muito mais que uma guerra, é uma forma de lutar contra as opressões impostas pelo sistema vigente, pois o Estado Islâmico "é um produto do sistema de dominação masculino capitalista, a luta contra esta dominação é apenas um momento neste processo de transformação." (CARVALHO, 2016, p.82). Este discurso nos mostra como os princípios do confederalismo democrático estão presentes e, foram aceitos, por diversas estruturas que compõem as regiões autônomas de rojava.

3.2 ESTRUTURAS DAS REGIÕES AUTÔNOMAS

Nesta parte da pesquisa, apresentamos um panorama de como funcionam as estruturas políticas administrativas das áreas autônomas, como também, a economia, a educação e o sistema de justiça que, buscaram no confederalismo democrático, uma nova forma de organização para gerir as demandas locais e dos cantões, com a finalidade de substituir o poder centralizador do Estado na região.

3.2.1 Estrutura administrativa e política

As estruturas políticas das áreas autônomas de Rojava são um pouco complexas, pois partem de diversos órgãos e comitês, tanto em nível local, como regional. Para a

estrutura de rojava, podemos dizer que o órgão mais importante que gerencia os demais é o TEV-DEM (movimento da sociedade democrática). É este o órgão que visa substituir o Estado na tomada de decisão, de forma descentralizada e a partir das demandas que são debatidas nos conselhos. Um dos braços do TEV-DEM, são os Conselhos Populares que são abertos a todos, desde curdos as outras etnias ali presentes, abrangendo as zonas rurais e urbanas, defendendo a pluralidade que é exposta no confederalismo democrático.

> Os Conselhos Populares são uma estrutura federativa na qual a menor unidade são as comunas. Estas configuram os espaços mais importantes e têm a total legitimidade na tomada de decisões. O objetivo principal é a descentralização do poder político em espaços de participação direta. As comunas normalmente compreendem uma vizinhança, uma rua ou uma vila (DILAR DIRIK, 2017).

Dentro destes órgãos, existem cotas de gênero e de etnia, sendo que não é permitido ter menos de 40% de representantes de um dos sexos (STRANGERS IN A TANGLED WILDERNSS, 2014) e no mínimo 10% de representantes de outras etnias (DIRIK, 2017). Dentro das comunas, as decisões são alcançadas por meio de consenso e debatem todos os temas que a envolvam. Além das cotas de gênero, partindo dos princípios do confederalismo democrático, os cargos de liderança destes órgãos, são compartilhados entre ambos os sexos, tendo sempre uma co-presidenta e um co-presidente. Esta estrutura vai sendo repetida ao longo da evolução das regiões, como Conselhos de vilas, cidades, distritos e cantões. Os conselhos de maior nível são os dos cantões, onde passam a se chamar Assembleias do Povo, são neles onde se aprovam as decisões que afetam os cantões como um todo. Outro ponto interessante é que, em todos os níveis desses conselhos e comunas (áreas menores e zonas rurais) existem representantes de diversos movimentos que lutam por alguma causa, como de mulheres, sindicatos, política e minorias. Podemos perceber que o discurso da emancipação das mulheres, diversidades e democracia direta, que Öcalan tanto frisou no confederalismo democrático, estão sendo colocados em práticas, como nos mostra Ribeiro (2019),

> Cabe salientar que, em todos os níveis existem comissões para tratar de saúde, temas sobre mulheres e gênero, defesa, economia, política, sociedade civil, sociedade livre, justiça e ideologia. Nesse sentido, em todas essas organizações e suas instâncias político-administrativas as mulheres possuem espaços reservados para construir suas pautas. Nas estruturas mistas, o princípio da co-liderança garante a paridade na representação. Grupos étnicos e religiosos, também, possuem seus espaços de organização exclusiva, integrando-se naquelas instâncias mistas. A escolha de suas representantes é dada de forma exclusiva pelas suas organizações (...) (RIBEIRO, 2019, p.91).

O órgão que lida com as questões mais técnicas que envolvem os cantões é a Autoadministração Democrática (DSA) que é composta por co-presidentes de 22 ministérios, com 22 mulheres e 22 homens. A função da DSA, é exposta no livro A revolução Ignorada,

> O objetivo principal da DSA é assumir as tarefas executivas, administrativas e algumas funções de proposição legislativa (mas não de decisão) (...). A DSA propõe políticas a serem implementadas, que são analisadas pelos Conselhos Populares e, se acharem pertinente, aprovadas e executadas. Por isso não tem autonomia de ação, seja legislativa, seja executiva, aliás, pode-se dizer que ela tem um caráter bem mais técnico (DILAR DIRIK, 2017).

Para os curdos, esta forma de organização de poder descentralizado e com o enfoque local, traz para a população uma sensação maior de liberdade e democracia pois de alguma maneira, estão envolvidos nas tomadas de decisões que afetam diretamente as suas vidas.

De modo geral, estes são os órgãos que estão mais presentes nas tomadas de decisões locais da população. Ainda podemos encontrar de outros órgãos que o compõem este projeto, mas não serão aqui detalhadas pois a proposta é ter uma compreensão de como se estruturam as regiões autônomas e seu movimento de se opor ao poder do Estado. Mais à frente, aparecerão outros grupos e organizações que compõem a revolução de Rojava, seguidas de suas funções para aquela determinada situação, como os órgão que lidam diretamente com as questões que envolvem as mulheres curdas e de outras etnias, que serão tratados no próximo capitulo.

3.2.2 Economia Popular

Antes de entrarmos na “Economia Popular” de Rojava, vamos dar um panorama de como era a região antes da guerra. De uma forma geral, podemos dizer que a região de Rojava se desenvolveu economicamente a partir da agricultura e do petróleo. Antes da Guerra da Síria, a região era responsável por 70% da produção de petróleo e 40% de gás de todo o país (STRANGERS IN A TANGLED WILDERNESS, 2014). Devemos levar em consideração a localização e as suas problemáticas, como também, saber que não existe um modelo definido, devido à instabilidade e os embargos dos Estados vizinhos.

Para entendermos como a região se desenvolve economicamente, primeiro precisamos saber como é a geografia do “Curdistão” como um todo. As áreas que compreendem o que seria o Estado curdo, são compostas de diversas riquezas naturais, entre elas o petróleo, o gás natural e terras férteis, que são irrigadas pelos rios Tigres e Eufrates

(SILVA et al., 2017). Estes são um dos motivos pelos quais as áreas autônomas, na Síria e outros países, têm tantas dificuldades, como também, o sonho de um Estado curdo nunca ter se concretizado.

Com a compreensão da geografia das áreas, do que seria o Estado curdo, serem tão ricas, compreendemos a maioria das disputas da região. O chamado Curdistão sírio, onde se localiza Rojava e as áreas autônomas, seguem está mesma situação. Devido sua localização, nas áreas petrolíferas da Síria, antes da guerra, Rojava era responsável por 70% da exportação de petróleo e 40% do gás natural (STRANGERS IN A TANGLED WILDERNESS, 2014). Além de ser a maior região produtora de trigo, com 70% da produção do país (DILAR, 2017).

Contudo, mesmo antes da guerra, por ser considerada uma região curda, o governo sírio, não permitiu que fossem instaladas refinarias de petróleo e industrias a partir deste produto. Esta atitude foi tomada para que esta região não conseguisse prosperar, fazendo com que os curdos precisassem manter a dependência com o resto do país. Assim, como expõe Dirik Dilar (2017), “Inclusive chegou-se a promulgar uma lei que proibia a construção de qualquer edifício de grandes dimensões. O resultado de tudo isso é que antes da revolução não havia nenhum tipo de infraestrutura industrial”. Logo, tanto o trigo como o petróleo e seus derivados, eram mandados para diversos cantos da Síria para serem transformados em outros produtos de valor.

Outro empecilho para a economia e o desenvolvimento de Rojava, é a relação com a Turquia. A conturbada relação nestas fronteiras, vem desde as tensões entre o próprio Estado sírio e a Turquia até os problemas, da mesma, com o PKK e os próprios curdos. Além das sanções e das complicações nas fronteiras, a Turquia usa o controle do fluxo dos rios Tigres e Eufrates, para causar prejuízos na região, usando o controle hídrico como forma de poder e de repreensão contra os cudos (WALDMAN, 2019). Isto impacta diretamente na agricultura, que é um dos meios de desenvolvimento econômico e social da região.

As áreas autônomas, que adotam os princípios do confederalismo democrático, ainda estão construindo um sistema econômico, logo, não há um projeto definitivo, “a experiência econômica de Rojava é menos uma implementação de um conceito único do que um sistema improvisado que deve responder às necessidades de uma guerra e um embargo econômico” (STRANGERS IN A TANGLED WILDERNESS, 2014, p. 17).

Com isto exposto, vamos entrar nos princípios da Economia Popular de Rojava. Três pontos são importantes para entender este modelo econômico, primeiro ela se baseia em

bens comuns, a propriedade privada por uso, e por último, as empresas são administradas pelos próprios trabalhadores (STRANGERS IN A TANGLED WILDERNESS, 2014).

Ainda em meados de 2012, em Rojava, a propriedade privada, como nós conhecemos, foi revogada, passando seu controle para os Conselhos Populares, contudo, pessoas ou grupos que as utilizam, possuem o direito do uso, não podendo ser expulsos destas, caso elas estejam sendo usadas de forma válida (DIRIK, 2017). A revogação da propriedade privada não se estendeu a bens mais pessoais, como carros, maquinas e eletrônicos, por exemplo (STRANGERS IN A TANGLED WILDERNESS, 2014).

> A propriedade privada e o empreendedorismo foram preservados, mas originalmente a propriedade e os negócios são do conselho da comuna, isto é, elas não são factíveis de negociação no mercado. O *PYD* desenvolveu o conceito de "propriedade por uso", evitando, a especulação e a acumulação de capital. A produção tem de atender a vontade democrática dos conselhos locais e a propriedade tem de ter uma função social. (...) Os bens coletivos abrangem terras, infraestruturas e os edifícios que obedecem à lógica de propriedade pelo uso, tendo seus proprietários, portanto, que prestarem conta aos conselhos comunais (MORAES; VIEIRA, 2017, p. 94).

Os bens comuns, são os bens que envolvem as infraestruturas, as terras e os edifícios que não fazem parte das propriedades por uso, que são administrados pelos conselhos ou comunas, dos cantões. Estes bens comuns, tem como função principal criar uma estrutura para dar suporte para quem não tem recursos, como também, potencializar para a comunidade, os recursos matérias e ecológicos, como a água, parques e a fauna, por exemplo (COMITE, 2017). Um dado que chama a atenção, sobre as propriedades é que "segundo Ahmad Yousef, cominstro da economia de Efrîn, estima-se que 75% das propriedades sejam comunais e que os 25% restantes, particulares" (DILAR DIRIK, 2017).

As empresas comandadas pelos próprios trabalhadores, são as cooperativas. Nestas, os trabalhadores são os donos dos meios de produção, mas precisam responder diante as comunas e conselhos. A parte de produção das cooperativas é, em um primeiro momento, pensada para abastecer as necessidades da comunidade e ser distribuída na mesma. Os possíveis excessos e sua utilização, dependem das decisões obtidas dentro das comunas (DIRIK, 2017).

Os empreendimentos e negócios privados que existem na região, que não trabalham como uma cooperativa, devem colaborar com as comunas. "Em relação a esse tema, deve-se ressaltar que não existem grandes empresas e que a grande maioria das empresas privadas é muito pequena. (DILAR DIRIK, 2017)".

> Embora o comércio seja permitido e haja empresas privadas, há uma estrita regulamentação em termos de produção ecológica e de satisfação das necessidades sociais. Por exemplo, em Efrin, por questões ambientais, foi proibida a criação de mais usinas de processamento de azeite ou de fundição de chumbo. Também há controle de preços dos produtos vendidos, cabendo às comissões econômicas dos cantões estabelecê-lo conforme as necessidades da população. A premissa básica é que a satisfação das necessidades da sociedade sempre é mais importante que os benefícios econômicos privados (DILAR DIRIK, 2017).

Outros serviços que envolvem as comunas, mas não são as cooperativas, são os serviços públicos, como limpeza das ruas e ou o funcionamento do abastecimento de água, que em comunidades mais pobres funcionam de forma voluntária, ou em áreas mais desenvolvidas, o pagamento é feito de acordo com a necessidade da pessoa (DIRIK, 2017).

Na questão da contribuição financeira, os impostos, não são cobrados, "o PYD e as diversas esferas de organização política obtêm seus recursos de doações (internas e externas) e pela venda de recursos naturais para outros países, sobretudo do petróleo" (MORAES; VIEIRA, 2017, p. 95). Ainda como colocam Moraes e Vieira (2017), uma das possíveis estratégias para a não implementação de impostos, é chamar novos comerciantes para estas regiões. Contam também, com a arrecadação das vendas de combustível para a população, a preços acessíveis, e com algumas tarifas na região da fronteira com Iraque (DIRIK, 2017).

A venda do petróleo e as relações tanto com a Síria, como com outros atores internacionais, é vaga, tendendo a controvérsias, como com as relações sobre a venda do petróleo, "uma quantidade substancial da atual atividade econômica vem da venda de petróleo para fora no mercado negro. No final de 2014, representantes de Rojava viajaram pela Europa procurando estabelecer "parceiros comerciais" e pareciam estar sugerindo uma política padrão de mercado (...) (COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO, 2016, p. 43).

Apesar deste ponto, as incertezas sobre os dados econômicos reais de Rojava são pertinentes, pois falta clareza para entender se o movimento realmente busca a superação do capitalismo. Contudo, não podemos esquecer das problemáticas da região, que impedem de acessar diversos recursos necessários para se alcançar a autonomia econômica. A questão ecológica também não foi realmente estruturada, não tendo muitas informações para sobre as reais atitudes que estão sendo tomadas, mas percebe-se a preocupação e a vontade de implementação nos discursos, como este,

> Os curdos querem, ainda, que a produção econômica seja ecológica e que respeite o meio ambiente, por isso limitam certos tipos de atividades industriais, como a produção de sabão ou a metalurgia, a níveis que sejam sustentáveis. No entanto no

> âmbito da ecologia ainda há muito trabalho a ser feito, sobretudo no que se refere a educar a população. Não há o costume de reciclar, e a gestão de recursos ainda é muito precária. Também deve-se ter em conta que os meios técnicos de que dispõem para seguir em frente com uma produção industrial ecológica são praticamente nulos (DILAR DIRIK, 2017).

Vale ressaltar, que aproximadamente 70% do que é arrecadado, é gasto com o setor de guerra e autodefesa. Este alto percentual, afeta diretamente o desenvolvimento estrutural e social das comunidades, fazendo com que os gastos em saúde, educação ou energia sejam menores (DIRIK, 2017), porém, não por uma questão de escolha, mas sim, de sobrevivência.

Segundo Öcalan (2008), o ideal econômico que se busca para Rojava, é uma economia que seja voltada para a repartição dos benefícios, onde a população esteja inserida nas decisões e que as ações econômicas não beneficiem a acumulação de capital. Onde o resultado destas ações, as necessidades básicas de todos que vivem nas comunidades, sejam alcançadas.

Como já exposto nesta pesquisa, a economia de Rojava tem diversas dificuldades e pontos controversos. Além destas questões, existem, ainda, estruturas governamentais nas regiões, como escolas. Contudo, os pontos precisam ser analisados no decorrer da estabilização do movimento, para não gerar desigualdades dentro da própria comunidade, que rementem as opressões sofridas dentro dos Estado, como a desigualdade de classe. Isso pode ocorrer, devido a manutenção das propriedades e empresas privadas, como também, do lucro referente a “exportação” do petróleo. Nestes dois casos, podem gerar acúmulos de capital e uma hierarquização vertical de poder. Porém, mesmo com estas ressalvas, seus princípios econômicos voltados para a autogestão comunitária, que não visam o consumismo, são de extrema importância para repensarmos os caminhos que estamos tomando nas economias estatais de hoje.

3.2.3 Educação

A educação é outro setor que os curdos buscam transformar, não só para difundir o conhecimento sobre os princípios do confederalismo democrático e um sistema educacional que a priorize o ensino em uma perspectiva regional, como também, acreditam na educação como um meio para transformação social.

A primeira diferença que fica evidente, na forma de como os curdos estão conduzindo a educação, é na linguagem do ensino. Em 52 anos de banimento do idioma

curdo, o ensino primário já possui aulas sendo ministradas nesta língua (MORAES; VIEIRA, 2017). Os demais anos letivos, já passaram a adotar o idioma curdo e o árabe para ministrar as aulas (COMITE, 2016), buscando implementar em outras línguas que tenham demanda também, como o assírio, no cantão de Cîzere (MORAES; VIEIRA, 2017). Além de debaterem a inserção dos assuntos de emancipação de gênero, economia ecológica e democracia de base, em todos os níveis educacionais.

Ainda existem escolas do governo sírio funcionando nas regiões, isto faz com que hajam dois modelos educacionais. As escolas que fazem parte do Estado ainda têm um ensino tradicional sírio, onde os curdos buscam mudar, como é exposto,

> Há dois tipos de educação em Rojava, uma é a "educação pública" que é proporcionada principalmente pelas academias. A outra é a "educação escolar", que é proporcionada principalmente pelas instituições do Estado. O Estado tem uma política monopolista na educação escolar e nós tentamos mudar o plano de estudos e desenvolver um novo. Este ano preparamos livros para pré-escola, creches e para o primário (COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO, 2016, p. 156).

Apesar dos esforços, não são em todas as escolas ou turmas que os livros e a didática de sala de aula conseguiram ser mudadas. Cada cantão busca adaptar o seu sistema educacional de acordo com sua realidade, mas precisam partir dos ideais básicos confederalismo democrático, emancipação de gênero e economia ecológica. Assim como nos mostra Dorsin Akif (2015),

> Por exemplo, o de Cizîrê é um exemplo da coexistência das sociedades do Oriente Médio, por isso a educação ali se molda como consequência. Kobanî e Afrin também são diferentes. Posso dar um exemplo em termos de idioma: os idiomas siríaco, curdo e árabe são ensinados na educação escolar no cantão Cizîrê. Se há uma criança árabe, ela é ensinada no idioma árabe; os cursos de idiomas em curdo e siríaco serão opcionais a esse/essa estudante. Os meninos e meninas aprendem nestas línguas baseadas em suas identidades étnicas e sua educação é baseada em sua estrutura social. Entretanto, este não é o caso no cantão de Afrin porque ali vivem principalmente pessoas curdas e árabes. O cantão de Afrin preparou livros até a oitava série; já o cantão de Cizîrê preparou somente até o quarto ano, devido à existência de diferentes estruturas étnicas, necessitam encontrar bases comuns (DORSIN AKIF, 2015, p. 50).

Assim como o ensino fundamental, o movimento curdo também busca mudar a mentalidade das academias. Assim, como coloca Dorsin Akif (2015), as universidades poderiam ter sidos pensadas para serem independentes, mas nos dias atuais, elas acabam contribuindo com o sistema, diferente desta perspectiva, as academias, seriam áreas educacionais onde a forma de conhecimento é obtida a partir da própria sociedade, um conhecimento compartilhado. Quanto a forma de aprendizado, são usadas tanto tradições do

próprio oriente médio, como os meios de pesquisas do Ocidente, contudo, a maior diferença está no conhecimento adquirido a partir de histórias contadas pelas pessoas mais velhas, que buscam mostrar como são as demandas reais de se viver em sociedade, chamada de história oral (AKIF, 2015).

A Academia da Mesopotâmia foi a primeira criada na região de Rojava, em meados de 2014. Também conhecida como Academia de Ciências Socias da Mesopotâmia. "O período letivo é divido em três, cada um com duração entre três e quatro meses, partindo de uma perspectiva de disciplinas mais gerais rumo à especialização e a projetos finais. O programa de estudos compõe-se principalmente de história e sociologia (DILAR DIRIK, 2017). Buscam criticar o positivismo acadêmico e adotam medidas que contribuam para as questões sociais presentes na região,

> O programa de estudos de sociologia adota uma postura crítica diante do positivismo do século XX e procura desenvolver uma nova alternativa sociocientífica para o século XXI, (...). Para seus projetos finais, os estudantes escolhem um problema social concreto, investigam-no, e escrevem uma tese sobre como resolvê-lo, relacionando-o com essa alternativa. Assim, tanto o ensino prático quanto o intelectual pretendem servir ao bem-estar social (DILAR DIRIK, 2017).

A relação entre professor e aluno também é diferente das que conhecemos no ensino Ocidental. Buscam colocar o professor numa posição não hierárquica e que possa aprender juntos com os alunos. Segundo Dirik (2017), os professores são cabíveis de avaliações pelos alunos, pela didática apresentada. As avaliações são feitas como forma de recordar os conhecimentos adquiridos, não para regular a capacidade sobre o conhecimento obtido.

Dilar Dirik (2017), coloca "a academia não tem como meta profissões, mas sim formar pessoas equilibradas", este pensamento parte da ideia de formar cidadãos políticos, onde o conhecimento seja difundindo em todas as áreas da sociedade, que o principal objetivo destes alunos seja voltado para o enriquecimento da sociedade e não individual.

> É por isso que a maioria dos objetos de estudo tem relação com os problemas sociais reais. Foram criados todo tipo de academia e em todo o território. São encontradas no nível da comuna e no nível do cantão. As academias respondem a necessidades de formação da sociedade. Por exemplo, há academias nas quais se promove o ensino da autodefesa de mulheres, de jovens, de economia, jurídicas, de sociologia, história e qualquer outra matéria que se considere necessária (DILAR DIRIK, 2017).

Também existem as universidades com o enfoque profissional, como as conhecidas em todos os países. Estas precisaram ser criadas do zero, pois o governo da Síria

não construiu universidades pertos das áreas de maioria curda, sendo a primeira universidade destas regiões, criada em 2015, em Afrîn (MORAES; VIEIRA, 2017). Em 2016, passa a funcionar a Universidade de Rojava, na cidade de Qamislo,

> Com faculdades de medicina, engenharia, ciências, artes e humanidades. A universidade possui, atualmente, 711 estudantes, os cursos são ministrados em inglês, curdo e árabe. Há programas de engenharia do petróleo, química, medicina, passando por artes, filosofia e uma disciplina nova intitulada *jineolojî* (jineologia). Esse conceito foi desenvolvido por Öcalan, ele expressa a ciência do saber feminino e a igualdade de gênero (MORAES; VIEIRA, 2017, p. 92).

O sistema educacional de Rojava, busca afastar a dominação estatal da educação e o controle desta por grupos sociais distintos, esperam que a educação seja um instrumento de empoderamento coletivo, que sua principal responsabilidade seja ter uma sociedade livre (DIRIK, 2017). Sua maior preocupação hoje, é conseguir, nas escolas básicas, ensinar para as crianças sobre as questões de gênero, pois acreditam que seja um importante pilar para a manutenção do movimento, mesmo sabendo que algumas mudanças já foram implementadas, ainda precisam melhorar muitos pontos (AKIF, 2015). Contudo, também entende a necessidade de formar profissionais capacitados para as áreas em demanda na região.

3.2.4 Sistema de justiça

O sistema de justiça, em Rojava, é voltado para solucionar os problemas a partir de um consenso, onde não se busca a punição, em um primeiro momento. Sua forma, foi mais facilmente implementada graças os já existentes Comitês de Paz e Consenso, criados nos anos 1990, para ajudar as regiões sírias, de maioria curda, a controlar as ações de injustiças nas suas áreas e cuidar da paz social (AYBOGA, 2014). A partir deste modelo já existente, passou-se a criar estes comitês em regiões onde eles ainda não faziam parte.

Antes de mostrarmos a estrutura destes comitês e do sistema de justiça, para lidar com a demanda de funcionários que estes órgãos exigem, foi criado em 2013, uma academia de juristas. Nestas, o curso de formação inicial dura quatro meses, sendo que a capacitação precisa ser continuada de tempos em tempos, tendo como foco, formar profissionais capacitados para lidar com trabalhos específicos (COMITÊ, 2016).

A partir da estruturação do TEV-DEM (movimento por uma sociedade democrática), e suas estruturas de Conselhos Populares, que os conselhos de justiça começaram a ganhar corpo, fazendo com que procuradores, advogados, juízes e pessoas deste meio, buscassem a apoiar o movimento (AYBOGA, 2014).

Os Comitês de Paz e Consenso, o nível mais básico deste sistema, podendo ser criados em distritos ou em ruas. Crimes como homicídios não são tratados nele, sua prioridade é resolver conflitos por meio de consenso. Ele também é dividido em duas frentes, os comitês são responsáveis por crimes e atritos, mas quando se trata de violência contra a mulher, casamentos forçados ou poligâmicos, são resolvidos pelas comissões de mulheres (AYBOGA, 2014). Assim como muitas das estruturas de Rojava, os Comitês de Paz e Consenso também contam com uma cota de gênero de 40%, de um dos sexos.

Em um nível acima, estão os Tribunais Populares, onde os nomeados não precisam ser, necessariamente, juristas, pois acreditam que pessoas que façam parte da comunidade compreendem suficientemente o seu funcionamento, presando por escolhas que beneficiem os interesses coletivos. Quando um processo é finalizado no Tribunal Popular, ainda é possível leva-lo ao tribunal de apelação, onde todos precisam ser juristas. No último nível, encontramos o Tribunal Constitucional, onde são colocados à disposição o contrato social de rojava, que contém as leis e diretrizes do movimento curdo (COMITÊ, 2016).

O sistema de justiça aboliu a pena de morte, a pena máxima em uma prisão é de 20 anos, que só pode ser aplicada em casos de tortura, terror e homicídio. Assim, percebemos que o sistema de justiça busca uma forma diferente de punição,

> Em Rojava, detenção é considerado último recurso. E de acordo com os princípios do sistema legal, a pessoa detida não deve ser vista como uma criminosa, mas como alguém em reabilitação. Prisões são entendidas como instituições educativas e uma vez que meios para isso estejam disponíveis, serão transformadas em centros de reabilitação; não mais instituições de punição. As comissões legais de Rojava estão especialmente preocupadas com a questão das condições de aprisionamento, como nos explicou um membro do Conselho de Justiça: “nós já estamos privando os prisioneiros de sua liberdade; não queremos puni-los ainda mais com as condições da prisão (COMITÊ DE SOLIDARIEDADE Á RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO, 2016, p. 152).

Destaca-se a auto-organização das mulheres para lidar com crimes de gênero. A participação direta das mulheres para resolver os conflitos onde elas são as vítimas diretas, veio graças a sua organização, e do entendimento que assuntos que envolvam as mulheres devem ser resolvidos por elas mesmas. Além de lidarem com a solução legal dos conflitos, estas mulheres criaram uma série de medidas para amenizar e evitar o sofrimento das mesmas, quando vítimas de violência, seja psicológica ou física.

Uma destas medidas, foi a criação das casas das mulheres, onde homens não são permitidos. Estima-se que haja mais de 30 casas espalhadas pelas regiões autônomas, e são elas as responsáveis pelos casos de violência contra as mulheres. Quando acontece alguma

denúncia, abre-se um caso sobre o ocorrido, a partir da hipótese de alguma agressão, esta mulher é acolhida. Mesmo que o caso seja solucionado, o processo não é finalizado, para elas continuarem com o monitoramento (DIRIK, 2017).

Outra medida adotada, foi uma linha telefônica disponível para atender chamadas de socorro, casos de violência, tentativas e prevenção de suicídio. Podemos entender a casa das mulheres como,

> São espaços nos quais qualquer mulher maior de 15 anos pode ir buscar refúgio e hospedar-se por quanto tempo for necessário. Nelas também são dados vários tipos de aula de forma gratuita, mas a função principal dessas casas é discutir os temas que afetam as mulheres na vida cotidiana e tentar encontrar uma solução para seus problemas. É, em suma, um espaço de apoio mútuo (DILAR DIRIK, 2017).

O sistema de justiça, em caso de que se comprovem a violência contra a mulher, é rígido e direto com os homens, impedindo-os de participar da esfera pública e política da sociedade,

> Assim, no caso de um homem que tenha agredido uma mulher, ele fica impedido de participar de qualquer espaço político, não podendo participar da tomada de decisões, e para recuperar seu direito precisa receber durante certo tempo instrução sobre feminismo e igualdade de gênero. Além disso, muitas práticas machistas foram proibidas, como os casamentos forçados ou com crianças, os dotes da noiva, a poligamia, a violência doméstica ou os assassinatos de honra (DILAR DIRIK, 2017).

Como podemos ver, duas partes chamam bastante a atenção no sistema de justiça de Rojava, a primeira é a resolução de conflitos diante consensos e mediação, além de e não buscar o encarceramento como método punitivo. O segundo, como eles lidam com os crimes e conflitos que envolvam as mulheres, nos mostrando que os ideais elucidados por Öcalan, no confederalismo democrático, estão sim, sendo colocados em prática. Contudo, não podemos esquecer das atuações e iniciativas das próprias mulheres para criaram uma rede de acolhimento, buscando se auto organizar para lidar com questões que as afetam diretamente.

4 EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES CURDAS

Neste capitulo vamos tratar das ações que levaram as mulheres curdas a terem sua força política, como também, evidenciar as estruturas criadas por pelas mesmas, para manter sua luta e espaço na sociedade garantidos, incluindo todas as mulheres, de diferentes etnias, neste projeto de emancipação feminina.

4.1 HISTÓRICO DA LUTA DAS MULHERES CURDAS ANTES DA REVOLUÇÃO DE ROJAVA

A popularização das mulheres curdas, em meios de comunicação, foi a partir da descoberta de um exército composto inteiramente por mulheres, na luta contra o Estado Islâmico. Este espaço foi dado a elas através de matérias onde ressaltavam a estética da feminilidade que essas mulheres traziam frente ao ambiente de guerra. Esta visão foi justamente a qual as mulheres curdas não queriam estar associadas, pois sua real intenção é mostrar ao mundo os princípios que envolvem a revolução de Rojava e a libertação das mulheres, como descrevem as mulheres do Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo (2016):

> Essa força feminina que pulsa no coração da resistência curda segue os mesmos princípios libertários das lutas de povos originários contra a repressão do Estado, ou da classe explorada que se insurge contra o sistema que a escraviza: trata-se de um contra-ataque legítimo a estruturas históricas de dominação e controle. Os campos desta batalha, porém, não se reduzem às cenas de guerra (como quer fazer parecer o espetáculo): seus cenários mais profundos são ordinários, encontram-se nos terrenos da vida cotidiana. (COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO, 2016, p. 104).

A visão ocidentalizada, das mulheres curdas, além de esconder um movimento, omite toda a história de luta destas mulheres, para chegar na posição que se encontram hoje. Podemos situar a atuação das mulheres curdas frente aos movimentos de luta popular do Curdistão e a busca por sua emancipação e direitos por, pelo menos, nos últimos 40 anos. A luta direta pelos direitos femininos e participação das mulheres na política, não surgiu com a fundação do PKK, mesmo com uma cofundadora mulher, Sakine Cansiz[17] (COMITÊ, 2016).

[17] Militante da causa curda desde sua adolescência, foi umas das fundadoras do PKK. De extrema importância para a causa das mulheres curdas, foi assassinada em 2013, junto com outras duas militantes, Rojbin Fidan Dogan e Leyla Soylemez, no Centro de informação do Curdistão, em Paris.

Como muitos movimentos de esquerda que não acreditam que a emancipação das mulheres sejam prioridade.

A primeira organização de mulheres curdas não surgiu em nenhum dos territórios de maioria curda, mas sim, por mulheres exiladas, na Alemanha, em 1987, onde tiveram o primeiro contato com o feminismo ocidental (COMITÊ, 2016). Hoje, esta organização tem como o seu centro o Alto Conselho de Mulheres (KJB), que tem um papel fundamental na estrutura das organizações das mulheres curdas (DIRIK, 2017).

Dentro do movimento curdo, mas especificamente o partido PKK, o responsável pela propagação da necessidade de se rever as estruturas da sociedade em relação às mulheres, foi o líder Abdullah Öcalan. Em um dos seus escritos, Öcalan (2016), coloca, "a liberdade das mulheres desempenhará um papel estabilizador e de nivelamento na formação da nova civilização, (...). Para conseguir isso, temos de trabalhar em nível teórico, programático, de organização e de implementação".

> O papel secundário das mulheres dentro da família e os papéis de gênero que associavam as mulheres ao namus (ou honra, virtude, conceito da cultura islâmica para os valores morais de cada gênero, que recai sobre as mulheres pelos códigos de controle de seus corpos) e designava aos homens o dever de protegê-las. É da passagem deste tipo de discurso, que instrumentaliza a participação das mulheres na revolução, para outro tipo de discurso, que coloca as mulheres como protagonistas de sua própria libertação, onde se encontra o salto qualitativo do movimento de mulheres que redefinirá todo o paradigma ideológico da revolução no Curdistão (COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO, 2016, p. 115).

Mesmo com as ideias de emancipação das mulheres sendo difundidas no partido e no movimento curdo, as mulheres curdas só começaram a ser reconhecidas e seus direitos conquistados depois de suas atuações bem-sucedidas referente ao campo militar. A atuação dessas mulheres no exército misto, em um primeiro momento, não foi o suficiente para que elas conseguissem se livrar das opressões sofridas por serem mulheres em um ambiente tido como masculino. Foi a partir das vivências no exército, que elas decidiram criar suas primeiras unidades próprias,

> É em decorrência deste cenário que em 1993 foram criadas as primeiras unidades femininas independentes de guerrilha, com o intuito de livrar estas mulheres das práticas machistas de seus companheiros homens, além de propor romper com o valor tradicional de obediência atribuído ao gênero feminino para que elas mesmas assumissem o papel de serem suas próprias dirigentes (COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO, 2016, p. 119).

Este movimento de criação de unidades femininas independentes, foi o ponto que faltava para que o movimento curdo começasse realmente reestruturar seus ideais e implantar ideologias e ações que contemplassem os direitos das mulheress e visassem de forma progressista a participação delas no âmbito político.

Ainda década de 90, começaram a surgir os primeiros congressos, conferências e movimentos sociais voltados especificamente para as causas das mulheres curdas. No ano de 1999, elas fundaram o Partido das Mulheres Trabalhadoras do Curdistão (PJKK), onde as mesmas buscaram uma forma mais direta para mudar os modelos políticos do movimento de sua nação. Com as transformações se encaminhando no movimento curdo, as curdas perceberam a necessidade de reformular do nome do seu partido para este passasse a englobar as suas premissas de liberdade para todas as mulheres, logo, outras nacionalidades. Com isso, o Partido das Mulheres Trabalhadoras do Curdistão passou a ser chamado de Partido de Libertação das Mulheres (PJA).

Foi o ano de 2004, que surgiu o maior partido das causas das mulheres curdas, o Partido de Libertação das Mulheres do Curdistão (PAJK). Antes mesmo da criação do primeiro partido, em 1995, elas fundaram a União das Mulheres Livres do Curdistão (YAJK), uma organização que chegou a participar de uma conferência realizada pela ONU, em Pequim, levando a bandeira do movimento das mulheres curdas para a IV Conferência Mundial das Mulheres, que na época já tratava do empoderamento feminino. (COMITÊ, 2016).

Desde a década de 90 até os dias atuais, as mulheres curdas buscam cada vez mais se organizar de forma democrática para lutar por seus direitos, sempre com o objetivo de buscar da libertação da mulher. Hoje, sua forma de atuação e seus princípios são aos moldes da estrutura da Revolução de Rojava e seu viés ideológico do confederalismo democrático. As unidades de defesa das mulheres ainda são importantes mecanismos para que elas prossigam com sua autonomia e sua autodefesa, além de ser fundamental para o combater o terrorismo da região.

Com a Revolução de Rojava, as mulheres curdas buscaram criar projetos que fossem exclusivos para as mulheres. Estes projetos e iniciativas vão ser detalhados nos próximos tópicos deste trabalho.

4.2 ORGANIZAÇÕES DAS MULHERES CURDAS

Como já explorado, a estrutura dos órgãos da revolução de Rojava é formada por várias organizações, comissões e comitês. Esta formação vai abrindo um leque de novos outros membros menores e específicos, no âmbito das mulheres, ocorrem os mesmos processos. Como é o caso do KJB, Koma Jinên Bilind (Alto Conselho de Mulheres.)

Entre os órgãos das mulheres, o que o KJB tem o papel principal de difundir as discussões de gênero e ir contra as estruturas patriarcais da sociedade. Sua atuação passa pelos campos da política, defesa, social e ideológico, atuando frente às questões de gênero do confederalismo democrático. O KJB também trabalha com a promoção e o intercâmbio de outras experiências feministas pelo mundo, como expõe o Movimento das Mulheres do Curdistão, no artigo que compõem o livro A Revolução Ignorada,

> O KJB procura transportar para a realidade curda as experiências de movimentos feministas de todo o mundo e concomitantemente trabalha em diversas frentes para estabelecer vínculos que propiciem o intercâmbio e a solidariedade entre as mulheres. Vê-se a si mesmo como mais uma peça no movimento feminista mundial. Tece alianças entre as mulheres em luta (em projetos democráticos, ecologistas ou socialistas), promove a criação de uniões estratégicas transnacionais e coopera com movimentos feministas globais (DILAR DIRIK, 2017).

Dentro do KJB, o PAJK (Partido da Libertação das Mulheres do Curdistão), é o órgão que diretamente com as questões ideológicas, do KJB, seu objetivo é difundir ao feminismo. Suas funções são disponibilizar e analisar estudos e pesquisas ideológicos, com padrões mais independente, providenciar e incentivar a auto-organização das mulheres desde cultura a economia, como também,

> Promove o estabelecimento de academias de mulheres que eliminem as características antissociais e elitistas da ciência que são impostas pela mentalidade dominante masculina do sistema educativo hegemônico. Trabalha para desenvolver a Jineoloji, termo curdo para descrever a "ciência da mulher", que busca uma perspectiva livre, democrática feminista em detrimento dos enfoques patriarcais clássicos. A chave é oferecer uma visão interdisciplinar que inclua uma combinação de todas as ciências sociais e a interação entre indivíduos, sociedades, natureza e universo (DILAR DIRIK, 2017).

Outro braço do KJB, é o YJA (organização social e política de mulheres), que trabalha no âmbito político e social das regiões locais e do Oriente Médio. Fica a cargo do YJA, criar e colocar em prática ações que visam uma sociedade democrática a partir das organizações de mulheres, sendo também, responsáveis pelas assembleias, conselhos e comunas que dizem respeito sobre as mulheres. Lutam contra o a violência contra a mulher e

implementam ações voltadas a saúde das mesmas (DIRIK, 2017). De forma geral, o YJA lida com questões sociais e com as estruturas coletivas do momento.

No campo da defesa, referente a KJB, temos a YJA Star (Exercito de Mulheres), que tem como objetivo criar a uma consciência de autodefesa, isto quer dizer, que YJA Star, cria meios de organização e de luta contra todo o tipo de opressão contra as mulheres, sendo uma estrutura autônoma. A última estrutura da KJB, fica a cargo das mulheres mais novas, o comitê de mulheres jovens, onde trazem para as jovens curdas, a importância de se organizarem e aprenderem a se defender (DIRIK, 2017).

Não fazendo parte das estruturas da KJB, mas uma outra importante organização das mulheres curdas, é a Kongreya Star, que tem como objetivo trabalhar com as demandas das mulheres dentro do território de Rojava, "entre suas esferas de ação o destaque vai para as "casas das mulheres" (*mala jinê)* que funcionam como centros de acolhimento e referência às mulheres vítimas de violência" (RIBEIRO, 2019, p. 92), como já explica no sistema de justiça de Rojava, mostrando como suas ações práticas são de extrema importância para estas mulheres. Com os principais órgãos das mulheres explicados, nos próximos tópicos, apresentaremos outras ações práticas das mulheres curdas, como a cooperativa e a vila de mulheres, como suas organizações fora de Rojava, em cidades turcas e em campos de refugiados.

4.2.1 As cooperativas

Foi a partir de 2015, que as cooperativas de mulheres, que fazem parte da economia Popular de Rojava, começaram a serem criadas. Seu papel principal é estimular as mulheres a adquirirem sua própria independência econômica. estando espalhadas por todo o território autônomo. Sua finalidade por consequência, é o aumento da participação destas no âmbito público da sociedade, onde, antes, estas quase não eram vistas, pois, a maioria dos seus trabalhos eram referentes aos seus lares. Por meio das cooperativas, também buscam fazer uma integração entre as mulheres de culturas diferentes e a sua emancipação em Rojava, "muitas dessas cooperativas estão tentando agregar as mulheres árabes desalojadas pela guerra, com o objetivo de estender o feminismo e de aumentar a coesão social entre os refugiados e os residentes autóctones (DILAR DIRIK, 2017). Com a atuação nas cooperativas, muitas mulheres procuraram aprimorar suas habilidades individuais para manterem sua liberdade financeira, passando a questionar seu papel na estrutura familiar patriarcal (KOLOKOTRONIS, 2015).

O tamanho das cooperativas não segue um padrão definido, podendo ser encontradas cooperativas com um grupo de 4 a 200 mulheres, mas em média, costumam ter de 60 a 150 mulheres. Existem também, cooperativas mistas, onde mulheres e homens trabalham em conjunto, como cooperativas de mulheres, onde as mesmas podem contratar mão de obra masculina (COMITÊ, 2016).

> Existem seis cooperativas agrícolas, que incluem o cultivo do trigo, o cultivo de hortaliças e ingredientes de salada, uma que produz leite e faz iogurte, uma que vende pão, duas envolvidas em caprinocultura e ovinocultura, duas lojas, uma pequena administrada por quatro mulheres e outra que vende roupas de segunda mão, um restaurante que também fabrica e fornece pão localmente, uma mercearia com 75 acionistas, uma refinaria de petróleo, um pomar e uma cooperativa agrícola mista administrada conjuntamente pelo Tev-Dem e Kongreya Star (COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO, 2016, p. 172).

As cooperativas recebem auxilio da Comissão Econômica das Mulheres, um órgão que tem como função ajudar na estruturação das cooperativas, oferecem treinamentos, criam as normas a serem seguidas, e a capitação de dinheiro para financiamentos e suporte para possíveis falências ou dificuldades. Apesar do auxílio da Comissão, são as mulheres que trabalham nas cooperativas que lidam com a gestão do negócio, onde todas são proprietárias.

> Todas as mulheres que trabalham nas cooperativas são também as proprietárias/acionistas, mas em algumas cooperativas elas podem contratar homens como trabalhadores. As cooperativas são geridas em uma base não hierárquica. (...). As trabalhadoras/proprietárias elegem a comissão de coordenação nas suas reuniões. Elas coletivamente decidem sobre as regras, escolhem a funcionária das finanças, como usar o dinheiro, seja para distribuí-lo em condições de igualdade entre todas as acionistas, seja para reservar uma parte dele para outros fins. Por exemplo, a cooperativa de leite em Derik decidiu que precisava de um carro para o berçário das crianças, então elas reservaram uma parte dos lucros para comprar um carro (COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO, 2016, p. 173).

Quando elas decidem criar uma cooperativa, as mulheres envolvidas precisam criar uma proposta e entregar para a Comissão, onde receberam todo o suporte para o desenvolvimento do projeto e os custos do mesmo. Outro meio, é quando a Comissão percebe a necessidade de algum tipo de negócio, levando a proposta na assembleia de mulheres, e em caso de interessarem, entram em contado com a Comissão e dividem os custos do projeto entre as mesmas. Estima-se que a Comissão Econômica das Mulheres receba de 1 a 2% dos lucros das cooperativas (COMITÊ, 2016).

Algumas destas cooperativas foram visitadas por Rahila Gupta, autora do artigo publicado no livro organizado pelo Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de

São Paulo, em 2016, Soresa Rojavayê. Nestas visitas, Gupta, relata ter encontrado algumas situações diferentes das que foram explicadas a ela, em duas das quatro cooperativas visitadas. Uma delas foi um restaurante, que também produz pão. Nele, todo o lucro obtido e a propriedade pertencem à Comissão, não funcionando como uma cooperativa, mas sim, como um negócio privado, ademais, parte do salário dos funcionários é complementado com os pães produzidos. No restaurante, trabalham 9 mulheres e 2 homens. A outra contradição, foi em uma cooperativa dita de mulheres, mas só foram encontrados homens trabalhando no local, na Cooperativa Hevgirtin, que trabalha com produtos de higiene pessoal.

Assim como exposto na Economia Popular de Rojava, as cooperativas das mulheres têm as mesmas dificuldades para se manterem, devido à situação instável da região e embargos dos Estados vizinhos. Estas contradições, expostas por Rahola Gupta, nos aponta que o modelo econômico curdo, em algumas áreas, não diverge de modelos encontrados no sistema capitalista, tendendo a ser uma economia mista, além de ser problemática a forma como ocorre os pagamentos dos salários em determinadas organizações sociais. Quanto à questão de existirem cooperativas ditas de mulheres, onde aparentemente só trabalham homens, a Comissão ou os comitês responsáveis, precisam tomar medidas para que este tipo de atitude não aconteça, como também, apurar o porquê destas mulheres não estarem ali presentes.

Contudo, a iniciativa de ter cooperativas voltadas apenas para as mulheres, onde as mesmas se capacitam para garantir sua independência financeira, é um importante fator de desenvolvimento social. Que traz a estas mulheres, um convívio para além dos muros de suas casas ou das suas funções familiares. Lembrando que é uma região rodeada por guerras e onde, os valores da família patriarcal são bem fortes, logo, esta iniciativa ajuda as mulheres que se veem sozinhas, a planejarem novas perspectivas para suas vidas. Também pode ser vista, como uma forma de alcançarem a igualdade de gênero no mercado de trabalho, já que, com as cooperativas, as mulheres tem oportunidades reais, como em áreas de gestão, planejamento, financeira ou mesmo operacional.

4.2.2 Jinwar – A vila

Uma das iniciativas que mais se destacam, foi a criação de uma vila exclusiva para mulheres, mais conhecida como Jinwar. A vila está localizada no Nordeste da Síria, em uma região que já foi parte do califado do Estado Islâmico (HALL, 2018). Sua estrutura conta com 20 casas, uma escola, uma academia de mulheres e áreas de plantio, para o auto sustento

(ROCHA, 2018). Seu ideal foi construído a partir da vivência das mulheres nessas regiões, por isso acolhem principalmente mulheres que largaram seus maridos ou as que os perderam no meio da guerra (HALL, 2018).

Figura 6 - Construção da Jinwar

Fonte: resistenciacurda.wordpress.com/

A imagem acima, nos mostra o portão da entrada da vila, nele, podemos ver, em letras coloridas, o nome da vila, Jinwar, que significa algo como “terra das mulheres” ou “espaço da vida”, em uma tradução do dialeto curdo kurmanji (ROCHA, 2018), como a construção das casas do vilarejo, que ainda não estavam finalizadas na época da fotografia.

Em Jinwar, as crianças, do sexo masculino, só poderão permanecer com as mães até uma certa idade, que ainda não foi decidida, mas estiva-se que seja entre 14 ou 16 anos. Em um depoimento para a reportagem da Agência Pública, uma mulher conta que a família não a apoiou na mudança para a vila das mulheres, pois não aceitaram ela ter largado o marido. Não está arrependida, mas sente muita saudade dos filhos, que tiveram que ficar com o pai, pois ela que decidiu sair de casa, em suas palavras, “eles não aceitam minha decisão”, diz ela. “Mas aqui sou mais feliz, posso fazer o que quero e não preciso seguir as ordens de um homem, como era com meu marido (YB ROCHA, 2018).”

Figura 7 - Academia de mulheres

Fonte: WILGENBURG, Wladimir van. 4, novembro, 2019. @vvanwilgenberg.

Diferente da primeira foto, aqui podemos ver uma das obras finalizadas, a Academia de Mulheres de Jinwar. Na foto, podemos reparar que se trata de um lugar onde a segurança é reforçada, com grades na janela e na porta, como também, aberturas de metal antes dos vidros da janela. Aparecem na fotografia, três mulheres e uma criança, ambas estão vestindo calça jeans, e apenas uma delas usa um lenço nos cabelos, mostrando que elas podem ser livres para usarem a vestimenta que mais lhe agradam.

A vila, tem uma regra para as mulheres que decidem se juntar a comunidade, precisam deixar de ter relações afetivas e sexuais com homens (ROCHA, 2018). Jinwar também conta com vigilância, feita pelas próprias mulheres, mas nem todas moram na vila, só apoiam o movimento. Isso ocorre, pois, a região é instável e ainda existe a possibilidade de ataques vindo do Estado Islâmico ou dos próprios Estados presentes na região.

4.2.3 Mulheres curdas em cidades da Turquia e no campo de refugiados de Bakur

A organização das mulheres curdas, do norte da Síria, não é algo exclusivo das áreas autônomas. Vamos mostrar que elas também são formadas, de modo diferente, em regiões da Turquia, em áreas de maioria turca, e em campos de refugiados, mas com a mesma intenção, emancipação das mulheres e qualidade de vida.

A Turquia, não é conhecida como um país das liberdades individuais nem para a própria população, o que coloca as minorias étnicas em uma situação ainda mais complicada.

As mulheres curdas, que vivem na Turquia, em “áreas não curdas”, conseguem ser “duplamente minoria” dentro de um único país, primeiro por não serem turcas e segundo, por não estarem em uma região onde seu povo seja a maioria. A população local, turca, costuma tratar com muita hostilidade pessoas de outras etnias, principalmente os curdos, por sua longa história de conflitos, mesmo se tratando dos dias atuais. Outro fato que agrava a situação das curdas, é o fato de serem mulheres.

A descriminação com a população curda, nas áreas turcas, percorre todos os âmbitos da sociedade, mas, as mais afetas continuam sendo as mulheres. Para elas recai todo o peso de uma sociedade machista e patriarcal, tanto turca, quanto curda. Muitas destas mulheres não frequentam o espaço público, pois são frequentemente assediadas e tratadas como prostitutas. Quando acontece alguma situação deste tipo, para o bem dos seus maridos, as mulheres curdas permanecem em silencio, pois têm medo que alguma atitude tomadas por eles, para “limpar a sua honrar”, acabe em alguma fatalidade. Isso acontece porque tanto a polícia turca, quanto os cidadãos turcos, respondem os curdos com muita violência, em alguns casos, terminando em óbito (NILSSON, 2018).

Os curdos são menosprezados pela sociedade turca, tendo muita dificuldade de conseguir empregos e educação. Quando conseguem, buscam omitir sua origem, para não serem discriminados. Com a dificuldade de conseguir empregos e de concluir os estudos, os curdos costumam ficar com subempregos ou meios informais e moram nas áreas mais pobres da região, essa situação contribui para que alguns curdos cometam furtos ou busquem a prostituição para sobreviver (NILSSON, 2018). Toda esta estigmatização sobre os curdos, em áreas turcas, só faz aumentar as tensões entre os dois povos, onde os curdos, sofrem as consequências, mas especificamente, as mulheres curdas.

Estando no meio de uma região onde não são aceitas e tem dificuldades de compartilhar com os maridos as situações que enfrentam no dia a dia, as mulheres curdas buscaram estratégias para lidar com estas dificuldades. Perceberam que o momento que se sentiam seguras era quando estavam juntas. Foi a partir disso, que começaram a organizar encontros na casa umas das outras, onde, buscam tratar de temas que envolvam suas vidas, desde conversas sobre problemas pessoais, estratégias para conseguirem continuar estudando ou simplesmente tomarem um chá (NILSSON, 2018). Esta organização das mulheres curdas, em seus lares, é mais do que uma simples roda de conversa, é um ambiente criado para que elas possam se sentir acolhidas e seguras, e que juntas, possam buscar qualidade de vida e lutar por seus interesses. Mostrando que um projeto não se precisa de uma grande estrutura ou de muitas pessoas envolvidas, para causar um impacto positivo.

Outro lugar onde as mulheres curdas buscaram se auto organizar, foram nos campos de refugiados, a partir do GABB (União das Municipalidades da Anatólia do Sudeste), uma organização de pessoas das cidades do Curdistão turco, para promover a educação e as demandas das cidades de uma forma comum (COMITÊ, 2015).

No campo de refugiados de Bakur[18], existem algumas minorias étnicas além dos curdos, que possuem diferentes formas de organização, como os Yazidis. Com isso, os campos de refugiados, foram mais uma experiência para colocar em prática a pluralidade do confederalismo democrático. Muito dos refugiados presentes nestes campos, são referentes aos que fugiram dos ataques do Estado Islâmico, em Sinjar (Iraque) e em Kobanê (Síria).

Como muitas mulheres que chegam nos campos de refugiados já passaram por algum tipo de trauma, as mesmas buscaram criar espaços exclusivos para mulheres, como é exposto pelo Comitê de Solidariedade Feminista à Kobanê,

> Um dos pontos mais importantes que nos foi apresentado é o estabelecimento de espaços exclusivos para as atividades sociais das mulheres. As representantes da municipalidade de Amed os criaram para responder às necessidades específicas de mulheres que viveram diversos traumas. Este trabalho é organizado através de uma coordenação dedicada unicamente à questão das mulheres, responsável pela criação de espaços de escuta para as mulheres, de lugares dedicados à saúde psicológica e física, que seguem questões ligadas ao planejamento familiar (Comitê de Solidariedade Feminista à Kobane, 2015, p. 57).

Procuram fazer reuniões sobre os temas que envolvam a vida das mulheres, explicando as mulheres de etnias não curda, sobre seus direitos e atitudes que possam tomar para dialogar junto aos homens de suas comunidades, sendo que muitas dessas reuniões os homens também podem participar. Outra medida tomada é referente a educação, são os manuais de ensino, nas línguas dos refugiados, que a GABB distribui para que eles possam continuar os estudos (COMITÊ, 2015).

A atuação dentro dos campos de refugiados, vem das experiências obtidas com o movimento em Rojava. A organização das mulheres curdas, nas cidades turcas, veio da necessidade das mulheres de se juntarem para se sentir seguras e conseguirem serem ouvidas. Compreendemos, com o exposto, que as mulheres curdas perceberam que juntas, lutando por um ideal comum, podem chegar a um resultado. E que, minimizar sua história como apenas mulheres bonitas frente a um exército ou que o movimento delas é menos digno, por ter

[18] Região da Turquia conhecida como o Curdistão turco, em curdo.

Öcalan na frente da revolução, só nos mostra como a histórias das mulheres conseguem ser apagadas graças à mentalidade masculina e à perpetuação do machismo.

4.3 JINEOLOGÎ – A CIÊNCIA DAS MULHERES

A emancipação das mulheres curdas, vai além das ações práticas já mostradas nesta pesquisa. A educação é uma das forças que fazem o movimento delas, dentro da região de Rojava, ser tão forte. Mediante da incorporação de estudos que debatam as funções de gênero desde os primeiros anos do ensino fundamental, elas incentivam uma mudança de perspectiva e de comportamento, desde a base de sua sociedade.

Pensando além dos debates sociais e teorias feministas que existem hoje, no sistema internacional, as mulheres curdas estão desenvolvendo uma teoria social e feminista própria, que permeia a emancipação das mulheres dentro do confederalismo democrático, conhecida como Jineologî, onde, "*jin* que significa "mulher" e "vida", em kurmanjî, e *logos*, do grego, "ciência". A tradução literal é: "ciência das mulheres" ou "ciência da vida" (RIBEIRO, 2019, p. 83). Ainda segundo Ribeiro (2019), a necessidade da criação desta ciência é,

> A transformação radical da sociedade se dá a partir da intervenção profunda na mentalidade e nos paradigmas patriarcais. Nesse sentido, deve-se reconhecer a Jineologî como um processo que objetiva o acesso das mulheres a todos os âmbitos da sociedade. Isso se dá, por meio da sua participação direta e ativa nas esferas políticas e científicas. Ao romper com os pressupostos da ciência positivista, a Jineologî assume a função de propor alternativas não sexistas e não androcêntricas de interpretação da sociedade. Uma de suas proposições é traçar o caminho percorrido pelas mulheres na história, evidenciando suas ações. Assim, por meio da historiografia feminista esta ciência objetiva identificar o papel atribuído às mulheres nos diferentes períodos da humanidade e propõe compreender suas especificidades. A partir disso, a Jineologî oferece oportunidades para desenvolver alternativas epistêmicas e políticas centradas nas mulheres (RIBEIRO, 2019, P. 83).

O nome Jineologî foi pela primeira vez utilizado em uma obra de Öcalan, "Sociology of freedom", de 2008. Na prática, os estudos na área da Jineologî, começaram no ano de 2011 (POCH, 2019). Abaixo, encontramos o símbolo utilizado para representar a Ciência das Mulheres.

Figura 8 - Símbolo da Jineologî

Fonte: http://jineoloji.org/es/

A Jineologî, busca mudar a perspectiva masculina da história, contando a mesma a partir da participação feminina nos mais diversos acontecimentos. O conhecimento sobre estas realidades históricas, vem de estudos, pesquisas e debates que acontecem nas Academias de Mulheres. Onde as mulheres que participam, buscam desfazer os padrões masculinos da ciência, como coloca Dorsin Akif, professora de Jineologî da Academia de Ciências Sociais da Mesopotâmia, em Cizîre,

> As mulheres não têm lugar na estrutura social construída. As instituições sociais foram identificadas pelos homens. O importante para nossas academias é nos desfazer dessas definições. Para isso é necessário ter uma mudança na estrutura social que está construída pela mentalidade e pelo discurso masculino. E isto requer que a educação seja tecida pela identidade das mulheres (AKIF, 201, p. 52).

Segundo a professora, Akif, uma das maiores diferenças destas academias, é a diversidade de gerações que habitam uma mesma aula ou encontros educativos. Essa diferença de geração serve para que as mais novas possam conhecer as histórias reais que aconteceram durante o período que elas não eram nascidas ou eram muito pequenas, como para as mais velhas, entender de movimentos atuais, que de certa forma, não estão mais envolvidas. Além das trocas de experiências, Akif (2015), coloca que este "vácuo" educacional entre as idades gera uma estrutura de poder, onde as pessoas mais velhas já não teriam tanto a contribuir com a sociedade, evitando entrar em instituições de ensinos por não se sentirem mais aptas, justamente o que elas tentam desfazer com as aulas entre diferentes gerações. Além de criticar o "status" que uma pessoa ganha quando se chega a um certo nível educacional, como coloca,

> É importante ver a experiência de uma pessoa de 60 anos como um poder, mas essa experiência deve ser compartilhada e deve transformar o meio que nos rodeia. Similarmente, uma pessoa educada na escola do sistema ganha um status maior na sociedade. Porém, em nossas academias o fato de ser educado não te dá um status superior. A educação é uma questão de contribuir com a vida e nas relações sociais. Não é considerada como status, mas sim como uma qualificação que necessita ser compartilhada (AKIF, 2015, p. 53).

As academias de mulheres, como colocado por Akif, é um espaço onde a forma de conhecimento não precisar vir diretamente de artigos ou pesquisas cientificas, os quais, muitos são feitos a partir da perspectiva do homem. Buscam, por meio das mulheres mais velhas de sua sociedade, a transferência de um conhecimento, que só é possível, a partir da vivência nele. Assim, conseguem passar para suas gerações mais novas, histórias e perspectivas diferentes das encontradas nos livros, com uma narração de mulheres.

Figura 9 - Centro de estudos sobre a Jineologî

Fonte: http://nosotras.cnt.es/textos/entrevista-sobre-jineoloji-a-viyan-poch/

A ciência de mulheres critica o sistema científico moderno, pois acredita que ele adotou perspectivas positivistas[19], onde este conhecimento virou forma de poder e é controlado por uma elite social (POCH, 2019).

Já na Jineologî, o que ela pode ser muito criticada é a sua binaridade, colocando o gênero apenas como mulher e homem. O que pode ser bastante percebido principalmente nas obras escritas por Öcalan, o responsável por ter colocado a emancipação das mulheres dentro do PKK. O que também gera muitas críticas para o movimento feminista curdo, por parte de feministas ocidentais.

O surgimento da Jineologî, está diretamente ligado com a emancipação feminina conquistada pelas mulheres curdas. Todas suas conquistas e experiencias obtidas em décadas de lutas contra um sistema patriarcal, que inclui o de sua etnia, pela sobrevivência de seu povo e seu incessante esforço para lutar pelos direitos das mulheres, são suas principais fontes para reescrever a história a partir da ciência das mulheres. Contudo, as mulheres curdas

[19] Teoria que acredita que só o conhecimento científico é um saber verdadeiro.

acreditam que esta ciência precisa ser espalhadas por todas as regiões do mundo, pois acreditam que a história das mulheres do mundo precisam ser revista, pois para elas, “a maneira pela qual as pessoas interpretam a história afeta a maneira como elas agem” (DIRIK, 2017), manifestando a importância da representação das mulheres desta iniciativa não só para as mulheres curdas, mas para uma emancipação em um nível global.

5 CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa, foca na atuação das mulheres curdas e no projeto de sociedade construído pelo povo curdo, buscando explorar um movimento pouquíssimo discutido nas universidades, como em veículos de informação. A proposta de um projeto revolucionário, no meio do Oriente Médio, com um dos seus pilares sendo a emancipação das mulheres, não poderia passar despercebido em nossa sociedade, muito menos em um curso de relações internacionais. Isto nos mostra como as informações que chegam até nós, são de alguma forma, escolhidas e padronizadas, principalmente no meio acadêmico.

As Relações Internacionais, como campo de estudo, são cercadas de teorias que compreendem o funcionamento do sistema internacional, a partir de características tidas como masculinas. Isso, nos mostra, a importância do desenvolvimento da "ciência das mulheres", a Jinealogî, por parte das mulheres curdas. Onde, as mesmas, acreditam que o comportamento das pessoas é afetado pelo jeito que elas aprendem a história. Assim, como a história e a área de estudos das Relações Internacionais, são transmitidas a partir de concepções masculinas, não teriam como elas não reproduzirem uma sociedade machista. Partindo deste ponto, as mulheres curdas observaram a necessidade de criar uma ciência, que sua forma de observar o mundo, fosse fundada na história das mulheres. Onde, os acontecimentos que nos permeiam, não busquem mais enfatizar um único ponto de vista, e sim, explorando as diversas narrativas que os cercam.

A história do povo curdo, também não é muito debatida, pois o que costumamos aprender, os acontecimentos históricos, são os que giram em torno de culturas de pele branca, como europeia e estadunidense. Quando tratamos das regiões não centrais do planeta, costumamos evidenciar apenas os fatos que mostram como aquelas sociedades são desestruturadas, como quando falamos de países do Oriente Médio. Um dos principais motivos desta pesquisa, é mostrar como existem diversos movimentos relevantes para a sociedade, acontecendo agora mesmo, e nós nem nos damos contas ou preferimos não saber, como é o caso da Revolução de Rojava.

A Revolução de Rojava, pode ser compreendida uma das revoluções mais feministas dos últimos tempos, como também a luta curda, por um novo modelo de sociedade, onde o projeto de Estado nação é deixado de lado, buscando criar uma estrutura social que propague a emancipação da mulher, uma relação harmônica com o meio ambiente, e que, a democracia esteja em todos os âmbitos da sociedade. Podemos dizer, que mesmo em meio as

dificuldades da região, na fronteira entre Síria e Turquia, o movimento dos curdos, em Rojava, busca cumprir estes princípios.

Analisando as atitudes deste movimento em relação à emancipação das mulheres percebemos que os avanços conquistados foram muitos, porém, isto só ocorreu devidos aos esforços das próprias mulheres para serem concretizados. Por mais que tenha sido o Öcalan que colocou a emancipação das mulheres dentro do PKK e do movimento curdo, teoricamente, foi graças aos seus anos de luta, que estas mulheres conseguiram ser reconhecidas e ter a força necessária para enfrentar uma sociedade patriarcal e conquistar os seus direitos. Apagar sua luta, por causa de um líder homem, também pode ser considerada uma atitude machista.

A autonomia das mulheres em Rojava, vem de sua união. Perceberam que juntas, elas têm força para enfrentar os obstáculos que lhe são impostos, por terem nascido mulher. Essas associações de mulheres passaram as fronteiras de Rojava, e podemos encontrá-las em duas situações diferentes, as organizações de mulheres dentro de campos de refugiados e a união das mulheres curdas, que vivem em cidades de maioria turca, que decidiram se juntar para lidar com as dificuldades impostas por aquele Estado.

Dentro da estrutura da revolução, percebemos que existem diversos mecanismos que lidam e asseguram as questões especificas de mulheres. Um que nos chamou a atenção, foi a justiça das mulheres, onde, as mesmas, atuam com casos que afetam diretamente suas vidas, como violência de gênero ou crimes de honra. Na verdade, nas áreas autônomas de Rojava, tudo o que diz respeito sobre a vida da mulher, são seus organismos específicos que trabalham com isso. Vale ressaltar que esses organismos são compostos só por mulheres.

Algumas ações práticas também foram expostas neste trabalho, como uma vila só para as mulheres, a Jinwar. Esta vila pode ser considerada uma espécie de utopia feminista, pois nela, só podem morar mulheres, e, caso tenham filhos homens, este só pode permanecer até uma certa idade. Em Jinwar, as mulheres trabalham com agricultura, de onde vem seu sustento, além de terem uma academia para debaterem sobre temas relacionados as suas vidas e manterem seus estudos. Em novembro de 2019, enquanto estávamos finalizando está pesquisa, graças as ofensivas do exército da Turquia, na região, a vila precisou ser evacuada, mas, caso as estruturas não sejam destruídas, as moradoras, pretendem voltar (WILGENBURG, 2019).

Não só Jinwar está em risco, em outubro deste mesmo ano, o exército turco voltou a atacar as fronteiras com a Síria, desde a retirada do exército estadunidense da região. Uma problemática que os curdos já apontavam que a qualquer momento iria acontecer. A volta de

um conflito nestas áreas, pode pôr um fim, no movimento que os curdos estão propondo, além de colocar em risco, toda a luta das mulheres curdas para conseguir sua emancipação. Os curdos já esperavam que está situação pudesse acontecer, pois acreditam que as ajudas internacionais são apenas focadas nos interesses de cada Estados. Quando conseguiram derrotar o estado Islâmico daquelas áreas, já sabiam que não teriam mais função para estarem ali, e que em qualquer momento, um dos Estados da região, pudesse voltar a atacá-los, ainda mais, com a estruturação de um movimento que prega a liberdade das mulheres, desenvolvimento sustentável, democracia, e tenta superar o capitalismo como sistema econômico.

O movimento em Rojava, tem suas falhas, como o desenvolvimento sustentável, onde os dados sobre estes temas são escassos e não se encontrou muitas ações práticas, além de alguns outros que trouxemos nesta pesquisa. Porém, estas falhas não podem ser um elemento para deslegitimar a sua causa e a revolução. Vale lembrar que as áreas autônomas ainda são experimentos, não há um modelo certo, a instabilidade da região e a relação conturbada com os vizinhos colocam os curdos em uma situação em que eles precisam se moldar aos percalços que lhes são impostos. Não podemos esquecer que Rovaja é uma região da Síria, logo, ainda existem instrumentos de poder estatal, o que no futuro, também pode trazer mais complicações, pois é incerto a relação que o governo sírio terá com Rojava quando os conflitos internos do país terminarem.

Não sabemos como ficará a Revolução de Rojava nos próximos meses, no entanto gostaríamos de destacar a importância deste movimento, por demonstrar a possibilidade de rompimento com paradigmas já estabelecidos e impostos nas sociedades. E para as mulheres, o movimento curdo é significativo para nos mostrar o quão potente é a formação de alianças e lutas em conjunto, pois foi a partir desta organização das mulheres curdas, que elas conseguiram expor suas prioridades para a sociedade, demonstrando possibilidades de mudanças. O movimento tratado nesta pesquisa, pode nos abrir novas possibilidades de assuntos a serem analisados. Dentro dos possíveis temas, podemos questionar a funcionalidade do confederalismo democrático fora das perspectivas curdas, onde, buscaríamos, por meio desta teoria, lidar com a diversidade étnica e questões gênero existentes em outras regiões, como na América Latina, um tema a ser sugerido para as próximas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Bianca Mendes. **A unidade de defesa das mulheres (YPJ) e sua atuação como ator não-estatal armado na luta contra o ISIS.** 2018. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal da ParaÍba, João Pessoa, 2018.

AYBOğA, Ercan. **Consensus is Key: New Justice System in Rojava.** 2014. Disponível em: <http://new-compass.net/articles/consensus-key-new-justice-system-rojava>. Acesso em: 09 nov. 2019.

AYDđN, Derya. O sistema educativo em Rojava: uma entrevista com Dorşin Akif – por Derya Aydın. **Revista da Biblioteca Terra Livre.** [s.i], p. 48-53. out. 2015.

BBC. **Who are the Kurds?** Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-29702440>. Acesso em: 07 out. 2019

ÇAHA, Ömer. The Kurdish Women's Movement: A Third-Wave Feminism Within the Turkish Context. **Turkish Studies**, Istambul, v. 12, n. 3, p.435-449, set. 2011. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1080/14683849.2011.604211.

CAMPOS, Pedro Olavo Carregosa. **Formação e Reformulação do PKK.** 2017. 36 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

CASTRO, Thais de Bakker. **Guerreiras pela Liberdade: Narrativas de gênero e libertação sobre as YPJ.** 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CARVALHO, Eliane K. Rojava: uma revolução contra o estado. **Ecopolítica**, São Paulo, v. 16, n. 5, p.79-88, 2016.

CNT. **Entrevista sobre a Jineolojî a Vivian Poch.** Disponível em: <http://nosotras.cnt.es/textos/entrevista-sobre-jineoloji-a-viyan-poch/>. Acesso em: 09 nov. 2019.

CURDA, Comitê de Solidariedade à Resistência Popular. **Bem-vinda a Jinwar, uma aldeia só para mulheres na Síria que quer destruir o patriarcado.** 2018. Disponível em: <https://resistenciacurda.wordpress.com/2018/12/06/bem-vinda-a-jinwar-uma-aldeia-so-para-mulheres-na-siria-que-quer-destruir-o-patriarcado/>. Acesso em: 09 nov. 2019.

CURDA, Comitê de Solidariedade à Resistência Popular. **Vilarejo só de mulheres evacuado após ataque turco.** 2019. Disponível em: <https://resistenciacurda.wordpress.com/2019/11/05/vilarejo-so-de-mulheres-evacuado-apos-ataque-turcos/>. Acesso em: 09 nov. 2019

DIRIK, Dilar. **A revolução Ignorada:** liberação da mulher, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio. [s.i]: Autonomia Literária, 2017.

FACHIN, Patricia. **O avanço do império da sede e as disputas geopolíticas pelos recursos hídricos. Entrevista especial com Maurício Waldman.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/591383-o-avanco-do-imperio-da-sede-e-

as-disputas-geopoliticas-pelos-recursos-hidricos-entrevista-especial-com-mauricio-waldman>. Acesso em: 04 nov. 2019.

FARIAS, Elana Beatriz Silva Sabino de; NOGUEIRA, Silvia Garcia. Retrospecto da Questão Curda e Surgimento do Confederalismo Democrático. **Revista de Estudos Internacionais**, João Pessoa, v. 9, n. 2, p.160-175, nov. 2017.

GERBER, Damian; BRINCAT, Shannon. When Öcalan met Bookchin: The Kurdish Freedom Movement and the Political Theory of Democratic Confederalism. **Geopolitics**, Brisbane, v. 1, n. 1, p.1-25, 16 out. 2018. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1080/14650045.2018.1508016.

HOSSEINI, Anahita. The Spirit of the Spiritless Situation: The Significance of Rojava as an Alternative Model of Political Development in the Context of the Middle East. **Critique**, Ithaca, v. 44, n. 3, p.253-265, 2 jul. 2016. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1080/03017605.2016.1199631.

JAZEERA, Al. **Who are the Kurds?** Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2017/05/kurds-170516072934887.html>. Acesso em: 1 out. 2017.

HALL, Richard. **Welcome to Jinwar, a women-only village in Syria that wants to smash the patriarchy.** 2018. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/jinwar-syria-north-patriarchy-kurdish-women-raqqa-a8661866.html?fbclid=IwAR1Fx2iiSSDBSzfkeoVYxSkCb6mb1eiSFhhKZSrG_i8wXZfan1usIFYN64k>. Acesso em: 09 nov. 2019

JONAS. **O mistério de Kobane.** 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/536857-o-misterio-de-kobane%20>. Acesso em: 09 nov. 2019.

KOLOKOTRONIS, Alexander. **A solução sem Estado. Institucionalização do Socialismo Libertário no Curdistão.** 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/541243-a-solucao-sem-estado-institucionalizacao-do-socialismo-libertario-no-curdistao>. Acesso em: 09 nov. 2019.

KOBANÊ, Coletivo de Solidariedade Feminista à. Mensagem de mulheres nas fronteiras de Rojava: resistência e liberdade. **Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo.** [s.i], p. 1-64. mar. 2015.

MACHADO, Luisa Carmen Lima. Soresa Rojavayê: não só a utopia, mas também a revolução é uma palavra feminina. **Revice - Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p.491-503, jan. 2017.

MAHMOUDIAN, Arman. **Syrian Kurds: From Ignored Minority to Game-Changing Actor.** Disponível em: <https://theglobepost.com/2019/06/03/syria-kurds/>. Acesso em: 04 out. 2019.

MANZANO, José Horta. **A intervenção.** Disponível em: <https://brasildelonge.com/tag/tratado-de-sevres/>. Acesso em: 04 nov. 2019

MONTE, Izadora Xavier do. **A Escola Feminista nas Relações Internacionais: Bases Teóricas-Metodológicas.** 2014. 71 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MONTE, Izadora Xavier do. O debate e os debates: abordagens feministas para as relações internacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 21, p.59-80, jan. 2013.

MORAES, Isaías Albertin de; VIEIRA, Fernando Antônio da Costa. O MUNICIPALISMO LIBERTÁRIO E A REVOLUÇÃO EM ROJAVA. **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, Uberlândia, v. 7, n. 2, p.62-109, 2017.

MORAES SOBRINHO, Aparecido Pires de; SANTOS, Barbara Moraes; LIMA, Maria das Graças de. Municipalismo Libertário. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 1, n. 1, p.307-320, jul. 2014.

MOREL, Ana Paula Massadar. **Confederalismo Democrático: a proposta libertária do povo curdo**. Disponível em: <https://www.revistadiaspora.org/2016/02/22/confederalismo-democratico/>. Acesso em: 04 out. 2019.

NILSSON, Marco. Kurdish women in the Kurdish–Turkish conflict – perceptions, experiences, and strategies. **Middle Eastern Studies**, Jönköping, v. 54, n. 4, p.638-651, 12 mar. 2018. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1080/00263206.2018.1443916

ÖCALLAN, Abdullah. **Confederalismo Democrático.** Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2016.

ÖCALAN, Abdullah. **Paz e Guerra no Curdistão.** São Paulo: International Initiative, 2008.

ÖCALAN, Abdullah. **Libertando à vida, a revolução das mulheres.** São Paulo: Fundação Lauro Campos, 2016.

ÖCALAN, Abdullah et al. **Towards Stateless Democracy.** [s.i]: Freelab Collective, 2015.

PAULO, Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São et al. **Soresa Rojavayê: Revolução, uma palavra feminina.** São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2016.

SCHNOOR, Marina. **A revolução mais feminista que o mundo já testemunhou.** Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/9kwpzv/revolucao-mais-feminista>. Acesso em: 22 abr. 2019.

SILVA, Antonio Henrique Lucena et al. As Guerrilheiras curdas e a redefinição das questões de gênero na guerra: o combate ao terrorismo do Estado Islâmico no Iraque e na Síria. **Faculdade Damas.** [s.i], p. 1-16. maio 2017.

RIBEIRO, Maria Florencia Guarche. **A revolução em Rojava: Jin, Jiyan, Azadî (Mulheres, Vida, Liberdade).** 2015. 150 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2015.

RIBEIRO, Maria Florencia Guarche. **A trajetória do movimento de mulheres no noroeste do Curdistão: a institucionalização do Confederalismo Democrático e da Jineologî (1978-2018).** 2019. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

RODRIGUES, Rubia. Curdistão: Um Problema de Ontem e Hoje. **Conjuntura Internacional**, Minas Gerais, v. 0, n. 0, p.1-7, 17 jun. 2010.

ROCHA, Bruno Lima. **No Curdistão reside a esperança do Oriente Médio e da Ásia Central.** 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/538385-no-curdistao-reside-a-esperanca-do-oriente-medio-e-da-asia-central%20>. Acesso em: 04 nov. 2019

ROCHA, Yb. **Jinwar: a vila criada por e para mulheres no Curdistão.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/05/10/jinwar-a-vila-criada-por-e-para-mulheres-no-curdistao/>. Acesso em: 22 abr. 2019.

ROCHA, Yb. **Curdas criam vila só para mulheres.** 2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/05/curdas-criam-vila-so-para-mulheres/>. Acesso em: 09 nov. 2019.

SAADI, Sardar. **David Harvey vê a revolta curda e o pós-capitalismo.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/545893-david-harvey-ve-a-revolta-curda-e-o-pos-capitalismo>. Acesso em: 07 nov. 2019.

SHEIKHO, Kamal. **Livres do "Estado Islâmico", moradores retomam a vida em Kobane.** Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/livres-do-estado-isl%C3%A2mico-moradores-retomam-a-vida-em-kobane/a-18275350>. Acesso em: 04 nov. 2019.

ŞIMŞEK, Bahar; JONGERDEN, Joost. Gender Revolution in Rojava: The Voices beyond Tabloid Geopolitics. **Geopolitics**, Wageningen, v. 24, n. 2, p.1-23, 29 out. 2018. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1080/14650045.2018.1531283.

TICKNER, J. Ann; GALHERA, Katiuscia Moreno; MASO, Tchella. Entrevista com J. Ann Tickner. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, Dourados, v. 6, n. 11, p.15-23, maio 2017.

VAN WILGENBURG, Wladimir. **All-female village in Syria temporarily evacuated after ongoing Turkish attacks.** 2019. Disponível em: <https://www.kurdistan24.net/en/news/d4ff567c-f02b-401a-af7a-45eeedb52741>. Acesso em: 09 nov. 2019.

WENDT, Alexandre; ESTRADA, Rodrigo Duque. A anarquia é o que os Estados fazem dela: a construção social da política de poder. **Revista de Relações Internacionais da UFGD**, Dourados, v. 2, n. 3, p.420-473, jun. 2013.

WILDERNESS, Strangers In A Tangled. A Mountain River Has Many Bends: The History and Context of the Rojava Revolution. **The Anarchist Library.** [s.i], p. 1-21. dez. 2014.

ZAHREDDINE, Danny; TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. A ordem regional no Oriente Médio 15 anos após os atentados de 11 de setembro. **Revista de Sociologia e Política**, Minas Gerais, v. 23, n. 53, p.71-98, mar. 2015. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/1678-987315235305.